

# **O CATADOR DE RESÍDUOS SÓLIDOS RECICLÁVEIS NO CONTEXTO DA SOCIEDADE MODERNA**

SANDRA REGINA MEDEIROS ROMANSINI

Dissertação apresentada ao Programa de  
Pós-graduação em Ciências Ambientais da  
Universidade do Extremo Sul Catarinense  
para obtenção do Grau de Mestre em  
Ciências Ambientais

Área de concentração:  
Ecologia e Gestão de Ambientes Alterados

Orientador:  
Prof. Dr . Ednilson Viana

Criciúma  
2005

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

R758c Romansini, Sandra Regina Medeiros.

O catador de resíduos sólidos recicláveis no contexto da sociedade moderna / Sandra Regina Medeiros Romansini; orientador: Ednilson Viana. -- Criciúma : Ed. do autor, 2005. 69 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2005.

1. Lixo – Coleta seletiva. 2. Lixo - Reciclagem. 3. Resíduos sólidos urbanos. I. Título.

CDD. 21<sup>a</sup> ed. 628.442

Bibliotecária Flávia Cardoso – CRB 14/840  
Biblioteca Central Prof. Eurico Back - UNESC

## DEDICATÓRIA

*Ao meu querido esposo e filhas que  
tanto me incentivam*

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Prof. Dr. Ednilson Viana pela orientação, amizade e tantos incentivos durante esta caminhada.

A Profa. Dra. Teresinha Maria Gonçalves pelas orientações complementares e pela confiança que sempre demonstrou em meu trabalho.

Ao professor Dr. João Bitencourt pela colaboração valiosa que prestou na Banca de Qualificação contribuindo para a definição do rumo desta pesquisa.

A todos os meus familiares que sempre apoiaram e incentivaram a minha luta.

A UNESCO que tornou possível esta especialização.

## RESUMO

Este trabalho teve como objetivo estudar os catadores de resíduos sólidos recicláveis da cidade de Içara-SC, buscando compreendê-lo no contexto da sociedade moderna. Abordou-se ainda a relevância do trabalho dos catadores de recicláveis, além de pontuar-se a sua invisibilidade junto à sociedade. Os catadores, objeto deste estudo, realizam um trabalho de limpeza urbano, colaboram para a economia dos recursos naturais (fontes de energia e matérias primas) e ainda legitimam a sociedade que os nega, no instante em que dela procuram fazer parte, estar integrado pelo trabalho e ainda assim vivem marginalizados, já que estão excluídos da possibilidade de trabalho formal com renda digna. As condições de trabalho dos catadores também foram alvo deste estudo. Aborda-se desde a forma de coleta, armazenamento dos materiais recicláveis até a sua comercialização, bem como, as condições do lixão em que atuam. Eles trabalham sem qualquer tipo de proteção individual, estando à mercê de eventuais doenças e acidentes com perfuro-cortantes (cacos de vidro, agulhas de injetáveis etc). Quanto às sobras materiais modernamente chamadas de resíduos sólidos são abordadas, como não poderia deixar de ser, na perspectiva da sociedade de consumo instalada a partir da Revolução Industrial. A lógica que prima pelo capital em detrimento de todas as outras coisas, tem provocado grandes males ao homem e a seu habitat, uma vez que ela vive da produção e consumo de bens. E os bens consumidos deixam suas embalagens como herança por longos anos, em alguns casos de geração para geração. Portanto, o que fazer com os resíduos gerados pela sociedade de consumo, bem como a forma como catador é visto dentro desta sociedade, constituíram o foco desta pesquisa.

## **ABSTRACT**

This work had as purpose to study the catchers of recycled solid residues of the city Içara-SC, trying to understand it in the context of the modern society. It was yet, approached the relevance of the work of the catcher of recycled, besides punctuating its invisibility close to the society. The catcher, object of this study, they accomplish a work of urban cleaning, they collaborate for the economy of the natural resources (sources of energy and raw material) and they still legitimate the society that denies it, in the instant which they try to make part of, to be integrated by the work and nevertheless they live marginalized, since they are excluded of the possibility of formal work with a fair income. The working conditions of the catcher were also white of this study. It is approached from the collection form, storage of the Recycled materials to its commercialization, as well as, the landfill conditions in which they act. They work without any type of individual protection, being mercy to any eventual diseases and accidents with perforate-sharp (glass potsherds, injected needles etc). As for the material scraps, in a modern way called solid residues, are approached, as it could not be, in the prospect of the consumption society installed starting from the Industrial Revolution. The logic which excels for the capital in detriment of all the other things, has been provoking great evils to man and to its habitat, once that it lives on the production and consumption of goods. And the consumed goods leave their packings as inheritance for long years, in some cases from generation to generation. Therefore, what to do with the residues generated by the consumption society, as well as the way the catcher is seen inside of this society, constitutes the focus of this research.

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
I.1–OBJETIVOS .....	11
I.2 - DINÂMICA E CONTRADIÇÕES DO MUNDO MODERNO .....	11
<i>I.2.1 – A sociedade moderna .....</i>	<i>11</i>
<i>I.2.2 - O catador de lixo e os benefícios da atividade dos catadores.....</i>	<i>16</i>
<i>I.2.2.1 – Classificação dos Resíduos Sólidos .....</i>	<i>19</i>
<i>I.2.3 - Características e perigos de um lixão a céu aberto .....</i>	<i>27</i>
I.3 - POÇO 8 : UM ESTUDO DE CASO.....	33
<i>I.3.1 - Içara e o lixão do Poço 8 .....</i>	<i>33</i>
<i>I.3.2 - Os catadores do lixão de Içara .....</i>	<i>41</i>
<b>CAPÍTULO II – ARTIGO .....</b>	<b>47</b>
<b>CAPITULO III – CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>68</b>
<b>CAPÍTULO IV - REFERÊNCIAS .....</b>	<b>74</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>78</b>

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Etapas da reciclagem do vidro.....	23
Figura 2 - Etapas da reciclagem do plástico.....	24
Figura 3 – Etapas da reciclagem do papel. ....	25
Figura 4 - Esquema de um lixão a céu-aberto mostrando a presença dos catadores e animais no local de descarga dos caminhões e o acúmulo de chorume na superfície do solo, bem como a sua absorção pelas camadas do solo.....	28
Figura 5 – Foto do lixão de Içara incendiado no mês de Fevereiro de 2005.....	31
Figura 6 – Localização do lixão de Içara no bairro Poço 8. Escala indeterminável.	34
Figura 8 – Foto mostrando que junto ao lixão são depositados resíduos de diversas naturezas. ....	35
Figura 9 – Forma de deposição do lixo no lixão de Içara-SC.....	36
Figura 10 - Foto mostrando que o lixão de Içara encontra-se em uma região alagada. ....	36
Figura 11 – Residências situadas próximas ao lixão de Içara-SC. ....	37
Figura 12 – Residências pertencentes a alguns catadores do lixão. ....	38
Figura 13 – Mapa do Estado de Santa Catarina mostrando em azul o município de Içara.....	39
Figura 14 -Distribuição dos catadores por faixa etária .....	41
Figura 15 - Distribuição dos catadores em função da profissão que exerciam antes da catação de lixo .....	42
Figura 16 - Distribuição dos catadores em função do tempo de trabalho na catação .....	43



## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 – Relação dos microrganismos encontrados nos resíduos sólidos, as doenças que causam e o tempo de vida no lixo.....	29
Tabela 2 – Enfermidades relacionadas aos resíduos sólidos, os vetores e forma de transmissão.....	30

## CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO

Este trabalho está estruturado em 3 capítulos, sendo que no capítulo I se discute a dinâmica e as contradições do mundo moderno, abordando-se especificamente a sociedade moderna e o novo ator social por ela gerado – o catador de resíduos sólidos. Discute-se também os benefícios da catação de resíduos sólidos para a sociedade moderna, bem como as características e perigos de um lixão a céu aberto.

No capítulo II trabalha-se com um Estudo de Caso realizado em um lixão a céu aberto, no Poço 8, cidade de Içara-SC, procurando conhecer a atividade de catação de resíduos, bem como os atores sociais diretamente envolvidos nesta atividade. No capítulo III, aborda-se o catador de resíduos sólidos recicláveis e a exclusão social geradora de desigualdade na sociedade moderna, bem como a produção exacerbada de resíduos sólidos.

A sociedade moderna, segundo Giddens (1991), é o estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência. Os aspectos da sociedade moderna, que se tornaram mundiais nos dizeres de Giddens (1991), e que são alvo desta discussão são o império da razão e da técnica e suas conseqüências para a humanidade.

O império da razão e da técnica determinou a configuração de uma sociedade individualista, cuja base é a produção e o consumo de bens materiais cada vez mais elaborados, para justificar ganhos cada vez maiores por parte dos empresários capitalistas. Esta sociedade voltada à produção e a exploração de “tudo” não poupa nem mesmo as pessoas, ao contrário elas também passam a ser vistas como fonte de lucro e, portanto, adquirem valor monetário (venda da força de trabalho pode ser um exemplo).

Como a mão-de-obra passa a ter valor monetário de acordo com a valoração estabelecida segundo os interesses e necessidades dos empresários, cria-se um mercado de mão-de-obra. Esta mão-de-obra terá valor de acordo com a necessidade do mercado e de acordo com a demanda de trabalhadores oferecidos pela sociedade. Cria-se aí uma divisão de classes na sociedade: os compradores de mão-de-obra e os vendedores da mesma.

Aos que por diversas circunstâncias sobra apenas a venda de sua mão-de-obra para sobreviver, resta a resignação de receber salários em sua maioria baixos, que lhes garantem apenas a sobrevivência.

No sentido de enfatizar a importância do trabalhador no processo de produção, Marx (1996) coloca que o homem através de seu trabalho é quem faz com que matérias primas e os equipamentos transmitam o seu valor ao bem final e ainda por cima criam valor acrescentado à mercadoria. Marx (1996) em o capital usa o exemplo das fiandeiras que pegavam no algodão e o transformavam em camisola, por exemplo, criando um valor acrescentado que só mesmo o trabalho humano pode dar. Porém, ainda segundo Marx (1996), ao homem comum o trabalhador, resta apenas o salário de subsistência, que é o mínimo que assegura aos capitalistas a manutenção e reprodução da força de trabalho.

Na atualidade, além do problema de empregos que pagam baixos salários, há ainda o problema do desemprego. A modernidade é segundo Marx (1996) impregnada de seu contrário. Um paradoxo, facilmente percebível é o fato de que a modernidade ao mesmo tempo em que é produtora de extrema riqueza, também é criadora de uma gama significativa de pessoas que vivem em condições precárias.

É desta dinâmica (riqueza com pobreza, progresso sem desenvolvimento) intrínseca à sociedade moderna que emerge o mercado de trabalhadores alijados do pleno emprego e cuja saída para a sobrevivência é a informalidade.

Esta periferia começa a constituir-se a partir da concentração popular nas grandes cidades, que ocorreu devido à expansão das atividades industriais. Porém as atividades industriais não foram suficientes para absorver toda a mão-de-obra disponível nos centros urbanos. Surge a partir daí uma população marginal a habitar as franjas da periferia. A estes habitantes – analfabetos sem qualificação profissional – excluídos de direitos elementares como a moradia, a alimentação, restam as profissões exóticas e ou profissões ignoradas nos dizeres do poeta João do Rio, que viveu no início do século XX. João afirma com base em sua vivência junto às populações excluídas da cidade do Rio de Janeiro, em sua crônica Profissões Menores Antelo (1997, p. 87-99):

Todos esses pobres seres vivos tristes vivem do cisco, do que cai nas sarjetas, dos ratos, dos magros gatos dos telhados, são os heróis da utilidade, os que apanham o inútil para viver, os inconscientes aplicadores à vida das cidades daquele axioma de Lavoisier; nada se perde na natureza. A polícia não os prende, e, na boêmia das ruas, os desgraçados são ainda explorados pelos adelos (vive da venda de roupas e objetos usados- idéia de

invisibilidade), pelos ferros-velhos, pelos proprietários das fábricas...

Como se pode perceber na poesia de João do Rio há uma preocupação com os pobres, especialmente aqueles que não possuem profissões consideradas relevantes. Segundo a compreensão, do poeta, estes são homens que passam necessidade e procuram de toda sorte buscar saídas para seus problemas – a sobrevivência em especial. João ainda se refere a profissões que chama de profissões ignoradas. “... Decerto não conheces os trapeiros sabidos, os apanharrótulos, os selistas, os caçadores”. E continua o poeta — Mas, senhor Deus! é uma infinidade, uma infinidade de profissões sem academia! Até parece que não estamos no Rio de Janeiro...

O poeta João do Rio era um observador do cotidiano dos excluídos da cidade do Rio de Janeiro e demonstra espanto com o fato de que uma cidade que estava passando pela reforma urbana promovida pelo então prefeito Pereira Passos, que já possuía grandes indústrias, que já tinha em suas ruas o automóvel – símbolo do progresso – abrigava também a contradição pobreza versus riqueza. Afirma João em sua crônica:

Coitados! Andam todos na dolorosa academia da miséria, e, vê tu, até nisso há vocações! Os trapeiros, por exemplo, dividem-se em duas especialidades: a dos trapos limpos e a de todos os trapos. Ainda há os cursos suplementares dos apanhadores de papéis, de cavacos e de chumbo. Alguns envergonham-se de contar a existência esforçada. Outros abundam em pormenores e são um mundo de velhos desiludidos, de mulheres gastas, de garotos e de crianças, filhos de família, que saem, por ordem dos pais, com um saco às costas, para cavar a vida nas horas da limpeza das ruas. (ANTELO, 1997, p.8)

Como se pode perceber claramente a modernidade traz intrinsecamente o paradoxo riqueza pobreza. O discurso de que o crescimento econômico e que o progresso fatalmente garantiriam melhores condições de vida para todos carece ser melhor avaliado. As palavras que traduzem tão bem os sentimentos, a percepção do poeta com relação às massas “sobrantes” do início do século XX, são atualíssimas, uma vez que se encaixam muito bem no sentido de nos fazer refletir sobre os excluídos que ainda hoje se fazem presente na sociedade moderna. Isto porque as pessoas sem qualificação profissional, analfabetas ou semi-analfabetas, vindas de várias regiões do Brasil, especialmente fruto do tão falado êxodo rural, engrossaram as fileiras de desempregados das grandes metrópoles.

Num passado bem mais recente, outros fatores vêm contribuindo para aumentar ainda mais os índices de desemprego. O grande desenvolvimento tecnológico, talvez seja um dos mais importantes atualmente.

À questão do êxodo rural, portanto, soma-se o problema do emprego em função do grande desenvolvimento tecnológico (a máquina substitui o homem), e ainda a não preparação (qualificação) do trabalhador para os “novos” empregos da sociedade moderna. Ocorre que às vezes existem vagas e não há mão-de-obra especializada para as ocuparem. Mas sendo uma razão ou outra, ou ainda a conjugação de ambas, o fato é que existem milhares de desempregados ao redor do mundo. Obviamente nos países subdesenvolvidos como o Brasil, as conseqüências são enormes, trazendo grandes prejuízos ao país. No que se refere ao desemprego e as alternativas de sobrevivência que restam para determinados grupos de trabalhadores, Rocha (2004), aponta a catação como última e única saída para a garantia de sobrevivência para muitos destes cidadãos.

Quanto à população, que envereda pelos caminhos da catação, Legaspe (1996), relata:

[...] sem destino, que ficam vagueando pelos centros urbanos, são expulsos para sua periferia que, por sua vez, já abriga os lixões.. só lhes sobrando sua força de trabalho que também não está sendo mais aceita. Assim, uma matilha de meio homem, meio vira-latas, caminha para os lixões como a última esperança de vida, para lá leva sua família e do lixo passam a viver.

Então, o que exatamente significa para a sociedade moderna a existência de pessoas na condição dos catadores? Que malefícios e benefícios estes trabalhadores informais trazem a sociedade? Eles serão os excluídos necessários ou desnecessários à sociedade? Porque a sociedade que usufrui do trabalho do catador não o reconhece?

Foi a partir das inquietações e indagações da pesquisadora que nasceu o desejo de entender a dinâmica da sociedade moderna em alguns de seus aspectos, que se optou por trabalhar com um grupo de catadores, que podem ser arquétipos de muitos dos trabalhadores que vivem da informalidade por todo o país.

Para responder às indagações acima se foi pesquisar um lixão no município de Içara- SC, bem como os catadores de resíduos recicláveis, que lá exercem seu trabalho.

Içara é um município localizado no sul do Estado de Santa Catarina, e que como a maioria dos municípios brasileiros depara-se com o grave problema da destinação dos resíduos sólidos, já que é produtora de cerca de 22 toneladas

diárias de lixo. Este montante de lixo é aumentado ainda mais no verão em função de que o Balneário Rincão, pertencente ao município de Içara, dobra de população nesta época do ano.

O problema da desigualdade social sempre se apresentou à pesquisadora como algo que carecesse de maiores discussões para que fosse evitada a “naturalização” deste fenômeno que infelizmente não é exclusividade da modernidade.

A questão do consumismo também é outro fenômeno que sempre despertou interesse, vontade de aprofundamento em literaturas, para uma melhor compreensão da dinâmica e funcionamento da sociedade moderna, que tem na produção e no consumo de bens materiais o seu alicerce.

Desigualdade social e consumismo então se constituíram no objeto desta pesquisa à medida que os catadores são pessoas relegadas a periferia social (exclusão) e que seu ofício a catação, só existe em função do consumo exagerado de bens materiais.

Daí nosso objeto de pesquisa ser os catadores do lixão de Içara e nossos objetivos constituírem-se de: conhecer o perfil dos catadores do lixão de Içara e discutir a relação destes com a sociedade moderna do ponto de vista da inclusão/exclusão social e dos benefícios que a ela proporcionam. Objetivamos ainda contabilizar o número de catadores que atuam no lixão de Içara, a forma de organização do trabalho e o ganho mensal de cada catador; conhecer as origens dos catadores presentes no lixão de Içara, o seu grau de escolaridade, a origem da atividade e os principais problemas advindos da atividade que exercem.

A pesquisa teve início com uma visita de reconhecimento ao bairro Poço 8. Nesta visita de reconhecimento, visitou-se a uma das casinhas da proximidade do lixão, onde se fez o primeiro contato. Nesta visita foi conversado com dois irmãos ex-catadores, que para ali foram trabalhar ainda nos anos 80. Hoje não fazem mais parte do grupo de catadores, mas deram todas as indicações que possibilitaram uma segunda visita.

Na segunda visita foi-se diretamente ao lixão do Poço 8, onde se conheceu os catadores que estão atuando na catação. Eles formam um grupo de 16 catadores, mas somente 14 participaram da pesquisa. Neste encontro foi explicado a eles o motivo e objetivos da visita. Os catadores entenderam, e concordaram em receber a pesquisadora em um outro momento.

Numa terceira visita ao lixão do Poço 8 aplicou-se questionário sócio-ambiental a 12 catadores. Durante a pesquisa foi possível perceber que entre a vinda de um e outro caminhão de lixo eles responderam ao questionário com boa vontade, apesar de demonstrarem certo medo em responder algumas questões. Em outra visita se entrevistou os outros 2 catadores, que haviam faltado o trabalho no dia da visita anterior. Houve ainda uma visita num sábado, onde se conversou mais particularmente com um catador que lá estava trabalhando na catação. Era um catador que apresentava um problema de saúde. Ele possui um problema de visão, ele é cego e seu olho o tempo todo verte secreção. Voltou-se ao lixão ainda uma última vez, num domingo para recolher informações sobre a queima do lixão. Lá estava um catador, trabalhando, segundo ele porque a sua esposa, também catadora havia adoecido e ele precisava catar pelos dois para garantir a renda da família.

O lixo nos últimos anos vem se tornando um problema seriíssimo do ponto de vista sanitário, ambiental, econômico e social. É muito lixo sendo produzido e não se sabe mais onde colocá-lo, principalmente nos grandes centros. Os aterros sanitários estão se esgotando rapidamente e está cada vez mais difícil encontrar áreas adequadas próximas dos centros urbanos.

Essa grande quantidade de lixo precisa ser acondicionada, coletada, transportada, tratada e /ou disposta de forma adequada para causar o menor dano possível ao ambiente e ao homem. Este é mais um dos paradoxos da sociedade moderna, isto é, criar formas adequadas para destinar seus rejeitos.

Atualmente o método mais utilizado pela maioria dos municípios brasileiros para a disposição de resíduos sólidos é o lixão. O lixão, segundo Jardim (2001), é a disposição final de resíduos sólidos sobre o solo, de qualquer forma, sem medidas de proteção ao meio ambiente e a saúde pública. Isto porque, quando o lixo é disposto a céu aberto, ele se torna um bom “meio de cultura” para diversos tipos de animais que para li se dirigem em busca de alimento, atraídos pela farta quantidade de orgânicos. Assim, ocorre a proliferação de ratos, baratas, mosquitos e outros vetores de doença ao homem.

Pode-se fazer uma breve consideração quanto aos riscos de doenças que correm os catadores e paralelamente ao seu acesso a saúde. O município de Içara possui 16 PSFs – Postos de Saúde da Família (estes são mantidos com verbas do governo federal), 11 postos de saúde, 1 policlínica central e 9 unidades básicas. A localidade de Poço 8 tem a sua disposição apenas uma unidade básica que oferece

médico uma vez por semana e auxiliar de enfermeira todos os dias. Caso um cidadão da localidade de Poço 8 necessitar de algum especialista, precisa passar pelo médico da unidade básica e este o encaminhará. Os PSFs, são os órgãos de saúde que oferecem melhores condições de atendimento por terem médico, enfermeiro e auxiliar de enfermagem todos os dias. Porém eles estão localizados nos bairros mais centrais do município. Existem ainda os postos de saúde que oferecem médico e auxiliar de enfermagem, também em bairros mais próximos ao centro urbano. As populações mais periféricas como é o caso do Poço 8, dispõem apenas de unidades básicas de saúde. Pelo que se pode perceber as populações que moram mais distantes do centro urbano de Içara tem mais dificuldades de atendimento adequado e no caso dos moradores do Poço 8, são uma população que estão mais à mercê de doenças por morarem muito próximas ao lixão a céu aberto. E os catadores mais penalizados ainda por morarem próximos ao lixão e lá trabalharem, passando boa parte de seu dia em meio ao lixo, já que um lixão não tem qualquer fiscalização por parte dos poderes públicos.

O lixão é um lugar onde é permitido se colocar o que quiser, pois ali não há qualquer tipo de controle do que entra e nem de quem faz o depósito, pois não há guarita, guarda ou qualquer outra forma de fiscalização. Tal fato indica então, que o lixão pode conter não só lixo domiciliar, como também hospitalares, odontológicos, veterinários e ainda resíduos industriais, que podem oferecer perigo tanto ao homem quanto à natureza.

O lixão, onde se encontram os catadores, objeto deste estudo, localiza-se no município de Içara. Tal município situa-se no litoral Sul de Santa Catarina e está, a 185km da capital Florianópolis, é cortado pela Br 101 e (fato que favoreceu em muito o crescimento de Içara), pela SC 444 que liga suas praias à Região Carbonífera e pela estrada de ferro D. Tereza Cristina que escoar o carvão ao Porto de Imbituba.

A origem do nome “Içara” deve-se à Palmeira Juçara ou Içara, também chamada palimito-juçara, muito comum na região quando ali se iniciava a construção da Estrada de Ferro D. Tereza Cristina. Os engenheiros da estrada de ferro chamavam a região de “Terra da Jiçara”. Na linguagem popular passou a ser chamado de “Içara”.

Segundo nos relata Dagostin, (1985), é difícil destacar o nascimento de Içara do restante da região circunvizinha. Segundo Teixeira(2003), no entanto, o primeiro



lugar em que foi construída uma capela e que se tornou o primeiro núcleo da região que daria origem a Içara, foi à chamada Urussanga Velha.

As primeiras famílias que ali se fixaram foram os “Ferraz e os Teixeira”, chegadas na época de 1820 mais ou menos. Estas famílias vieram segundo (Trabalho PIC), explorar as terras da zona sul, doadas pelo governo. Neste local se plantou a mandioca e a cana-de-açúcar, e se retirava da Lagoa da Urussanga Velha, os peixes - cará, traíra, tainha - que garantiam as famílias o sustento. Vale lembrar que nesta época ainda não havia a exploração de carvão na região.

Dagostim (1985), coloca que no início dos anos de 1900, começa a ser construída uma outra capela em homenagem a São Donato, próxima ao encruzo da rua Vitória com a rua Sete de Setembro em direção a Primeira Linha.

E finalmente um terceiro ponto da região que hoje é o centro de Içara, atrai moradores, através da construção de uma outra capela em honra a São Donato. A construção desta segunda capela, que acabou por definir o centro do atual município se deu por vários interesses de alguns moradores. Uma das justificativas para a mudança de lugar da capela e da população era a Estrada de Ferro D. Tereza Cristina. E ainda o interesse de alguns moradores proprietários de terras do referido local, que tinham todo o interesse de valoriza-las.

Nestes dois núcleos posteriores ao de Urussanga Velha, segundo Dagostin (1985), os primeiros colonizadores a se fixarem foram às famílias Rovaris, Menegaro, Lodetti, Bonomo, Piazzoli, Manenti, Valvassori entre outros.

A região de Içara em seus primeiros tempos pertencia à comarca de Urussanga, posteriormente com a criação do município de Criciúma em 1925 e com sua instalação em 1926, Içara passou a pertencer a Criciúma, mas sob a tutela da comarca de Urussanga. Somente em 1944 com a criação da comarca de Criciúma é que Içara passou definitivamente a pertencer ao município de Criciúma. Dagostin, (1985).

Em dezembro de 1961 Içara consegue a sua emancipação político-administrativa, iniciando sua caminhada em direção ao futuro.

O município, de Içara hoje tem uma população de aproximadamente 52.000 habitantes e a sua principal atividade econômica é a industrial, com destaque para as indústrias de plásticos. No passado não muito distante, Içara era considerada uma cidade dormitório, segundo Fernandes (1998), e sua principal atividade econômica era a agricultura.

Atualmente, no entanto, é o setor industrial e comercial que tem garantido ao município arrecadações significativas, sendo que em janeiro de 2005 a arrecadação municipal atingiu a cifra de R\$ 3.322.815,94, segundo dados do IBGE – Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil (2005). A industrialização do município de Içara, o aumento da renda da população em geral, levou ao consumo de uma variedade de produtos oferecidos pela modernidade, o que “enriqueceu” o lixo. Isto é, o lixo passou a constituir-se de produtos (embalagens) que degradam o ambiente. É, no entanto, este lixo “rico”, que degrada que garante a uma parcela da população (os catadores) a sobrevivência através do trabalho de catação.

O lixão de Içara está acerca de 1 km da BR 101, num terreno que há 20 anos atrás servia para a exploração de carvão, isto é, um antigo poço de mina, daí o nome da localidade ser Poço 8. Este lixão recebe aproximadamente 35 toneladas de lixo diárias no inverno e pode triplicar no verão, porque Içara possui um balneário para onde se dirige principalmente a população da cidade de Criciúma, vizinha a Içara.

No referido lixão, o lixo é despejado diariamente pelos caminhões de coleta da prefeitura no período matutino. Existe em meio ao terreno onde está situado o lixão, uma estrada por onde passam os caminhões que vão fazer o despejo dos resíduos. Os catadores, neste momento já estão de prontidão para dar início a catação.

O lixão contém também certa quantidade de água superficial, que se mistura ao chorume – líquido de cor escura, resultante da putrefação dos orgânicos.

É bastante comum no lixão, a presença de animais como urubus frangos d'água, cães, além de ratos e baratas. Os materiais recicláveis são catados e acondicionados em grandes sacos para a comercialização que ocorre às sextas-feiras. O que não é aproveitado fica jogado ao longo do terreno tornando-o extremamente feio do ponto de vista estético, além é obvio do insuportável mau cheiro.

Mas a situação do lixão a céu aberto de Içara tende a ser resolvida, isto é, para adequar-se às normas de disposição correta dos resíduos sólidos segundo as normas do Ministério do Meio Ambiente. Há cerca de dois anos, Içara iniciou o projeto de licitação para a construção de um aterro controlado. Uma primeira empresa então apresentou projeto para a construção do aterro na localidade de Esplanada em Içara. Os Moradores desta localidade manifestaram-se contra a obra em duas audiências públicas lá realizadas.

Numa segunda etapa então foi apresentado um outro projeto para a construção do aterro sanitário em outra localidade de Içara, o chamado Poço 8, nas terras de um ex- prefeito da cidade. Após vários embates políticos chegou-se então a um acordo, sociedade e a prefeitura, que resultou na construção do famigerado aterro, cujo funcionamento está previsto para o próximo dia 15 de agosto de 2005.

Quanto aos catadores que do lixão sobreviviam, ficou a promessa da prefeitura de Içara e da Empresa contratada para as obras de construção do aterro sanitário, de permitir-lhes continuar trabalhando com o lixo, mas em forma de cooperativa e contando com a implantação da coleta seletiva.

Mas como os catadores analfabetos e semi-analfabetos iriam se organizar em cooperativa?

Os catadores sem saber o que fazer, falam de seu problema a um político em campanha para o pleito de 2004. Este político então encaminha a criação da Cooperi - Cooperativa de Içara. A cooperativa atualmente conta com 30 pessoas. Cada cooperado segundo o seu gerente executivo, pelo regimento terá direito a 1/30 dos lucros sendo que parte dos ganhos será fundo de reserva para reinvestimentos e parte para as despesas, incluindo-se ai os impostos.

Içara pode ser considerado um microcosmo que reproduz as relações de desigualdades sociais tão comuns na sociedade. Prova disso são os 16 catadores de recicláveis que tem como função principal à catação como forma de garantir a sua sobrevivência e de sua família.

O catador de resíduos sólidos recicláveis é um ator social novo, que tem despertado o interesse da academia e da mídia. Isso porque este ator está envolvido em dois problemas criados diretamente pela sociedade moderna e que por ela precisam ser enfrentados: a desigualdade social e a produção exacerbada de "lixo".

## **I.1–OBJETIVOS**

Conhecer o perfil dos catadores do lixão de Içara e discutir a relação destes com a sociedade moderna do ponto de vista da inclusão/exclusão social e dos benefícios que a ela proporcionam. Objetivou-se ainda contabilizar o número de catadores que atuam no lixão, a forma de organização do trabalho e o ganho mensal de cada catador; conhecer as origens dos catadores presentes neste lixão, o seu grau de escolaridade, a origem da atividade e os principais problemas que dela advém.

## **I.2 - DINÂMICA E CONTRADIÇÕES DO MUNDO MODERNO**

### **I.2.1 – A sociedade moderna**

É de consenso geral que a sociedade moderna foi criada sob a égide de uma visão mecanicista da razão cartesiana, e que esta se converteu em princípio de uma teoria econômica que está na base da idéia de progresso da civilização moderna. Ela tem a produção de bens materiais e o consumo desenfreado como premissas básicas do sistema político-econômico e social que vigora em nossos dias, o capitalismo. O capitalismo segundo Ianni (1999), coloca o valor material e a lógica do mercado (assentados na produtividade e no lucro) acima das relações sociais, baseadas no respeito à singularidade das pessoas, na pluralidade cultural, e acima da relação do homem com a natureza, ou com seu habitat.

Obviamente que a sociedade moderna, que em última instância objetiva o lucro, precisa lançar mão de alguns instrumentos para consegui-lo.

Aos trabalhadores que dispõe apenas de sua mão-de-obra para sobreviver, só resta a venda de sua força de trabalho, fato que acaba contribuindo decisivamente para concentração da renda nas mãos de alguns poucos privilegiados. A desigualdade social então é necessária e inevitável para que se configure o lucro, bem como a existência de exércitos de mão-de-obra barata e sem perspectiva de emprego formal disponíveis para serem exploradas.

Para Melo (2005), uma das maiores chagas do capitalismo que vigora na sociedade moderna é o desemprego. Por desemprego se entende a condição ou situação das pessoas de idade ativa (geralmente entre 14 e 65 anos) que estejam

temporariamente desempregadas, sem realizar qualquer tipo de atividade econômica.

Segundo a Organização Internacional do Trabalho – OIT – o mundo possui cerca de 1 bilhão de desempregados. O Brasil em 1999, segundo o Plano Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), apresentava cerca de 7,6 milhões de desempregados. As razões do desemprego apontadas por Melo (2005), são várias, entre elas a globalização, o neoliberalismo, a mecanização da agricultura e o êxodo para os centros urbanos, além da automatização das indústrias e a alta carga tributária. Mas sendo um ou outro fator é fato que no Brasil a situação é bastante grave e estima-se que além dos desempregados, 40% dos trabalhadores vivam na informalidade.

Cabe salientar que a situação dos que têm emprego também se modificou demasiadamente nas últimas décadas. Quem tem emprego precisa se adaptar as novas exigências do mercado, desenvolvendo habilidades como flexibilidade, soluções criativas, alto grau de engajamento na empresa e conhecer todo o processo produtivo.

Quanto aos trabalhadores que vivem na informalidade, a estratégia de sobrevivência por eles adotada não pode ser desejada como futuro, pois a pessoa não tem acesso a previdência e aos direitos sociais. Mas muitos cidadãos brasileiros (os pobres), segundo Dupas (1999), não podem se dar ao luxo de ficar desempregados; eles são obrigados a aceitar o subemprego (informalidade), como é o caso dos catadores estudados neste trabalho.

Por mais que a sociedade moderna tenha progredido, não resolveu problemas elementares como a garantia do emprego aos cidadãos - nem mesmo a industrialização importante elemento constituinte da modernidade - conseguiu garantir postos de trabalhos de acordo com a demanda. Em países em desenvolvimento a sociedade moderna não consegue nem mesmo estender os benefícios do Estado aos que estão à margem do mundo do emprego formal.

Neste sentido Rocha (2004) argumenta que há um clima de pavor do desemprego já que países periféricos têm adotado políticas econômicas que agravam as questões sociais, em função da diminuição dos investimentos nas políticas sociais públicas e ainda há uma gradativa retirada do Estado das ações de atendimento as populações subalternizadas.

Parece inegável que o progresso tecnológico, que possibilitou formas de enriquecimento de uns poucos (maior produção em menor tempo, com salários

modestos e maiores lucros) e a concentração cada vez maior da renda nas mãos destes, acabou por desenvolver mecanismos que acabaram por gerar mais desempregos. Faz-se referência aqui a substituição dos trabalhadores comuns por máquinas.

Rocha (2004), no que se refere ao desemprego, coloca que a globalização atinge em cheio os trabalhadores, principalmente aqueles cuja ocupação está ligada ao trabalho repetitivo, rotineiro e alienante. Estes, segundo a autora, são os que serão substituídos em primeira leva por robôs.

O cenário descrito acima, no que tange aos trabalhadores, aos pobres, aos que a sociedade negou acesso a serviços básicos, como educação, formação profissional é que entre outros fatores, leva ao desemprego e a desassistência do Estado. Afinal, como as populações pobres que não têm acesso a planos de saúde privados podem abrir mão da proteção do Sistema Único de Saúde? Os exemplos mostrados pela mídia demonstram as mortes tanto nos leitos hospitalares como nas filas por falta de assistência médica, e isto ocorre em praticamente todos os estados brasileiros.

Para os atores sociais, desprovidos de cuidados da sociedade moderna (sem emprego e sem assistência do Estado) resta apenas a informalidade como forma de sobrevivência e para muitos talvez reste apenas a criminalidade (tráfico, violência). É deste contexto que surgem os que encontram na catação a única alternativa de emprego e renda. Mesmo que esta renda seja ínfima e que este emprego não lhe garanta os direitos previstos em lei (férias, FGTS, décimo terceiro salário e direito à aposentadoria), é o que de concreto o catador de resíduos recicláveis possui.

Vive-se então numa sociedade extremamente rica, com progresso tecnológico jamais visto, mas que não consegue beneficiar a maioria da população e sim uma minoria privilegiada.

Este é um pequeno esboço das contradições da sociedade moderna. Riqueza com muita pobreza e ainda, um planeta fantástico com muitos recursos a oferecer para a humanidade, mas que está sendo destruído em função da superexploração necessária ao desenvolvimento da sociedade cartesiana, científica, mas que prioriza a racionalidade econômica. Leff (2001), contribui neste sentido afirmando que a mesma sociedade que cria, que realiza, que enriquece a alguns, corre o risco de colapso ecológico e de avanço crescente da desigualdade e da pobreza.

Paradoxalmente, portanto, a sociedade moderna rica e pobre, desenvolvida e subdesenvolvida, outrora cheia de recursos naturais - água, carvão, petróleo, ar limpo etc - está hoje a mercê de uma crise de esgotamento dos recursos naturais, o que inviabilizaria a produção desenfreada dos mais diversos produtos comercializados hoje, e portanto, inviabilizaria o próprio sistema capitalista que sobrevive graças ao giro de produtos e de capital. Também está a mercê da poluição ambiental, uma vez que, o universo no mundo moderno é visto apenas como uma extensão incomensurável de espaço pronto para ser explorado., nos dizeres de Leff (2001). Isto porque tudo é visto como mercadoria, tudo tem um preço monetário, pessoas e a natureza.

Porém, a contradição entre crescimento econômico sem limites e a crise ecológica vem de certa forma questionar a lógica da autodestruição inovadora assim denominada por Berman (2000), que tem se configurado como o cerne da sociedade moderna. É o construir/destruir para dar fôlego ou mesmo o próprio combustível à sociedade do capital, através do incentivo ao consumismo, isto é, consumir sempre, mesmo o que não se precisa e muitas vezes com um dinheiro que não se dispõe. A este respeito, Kupstas et al (1997, p.99) afirmam: “Não é a tecnologia que atende às necessidades e sim as necessidades é que são criadas para atender à crescente produção e à elaboração cada vez mais diversificada dos bens de consumo”.

Ainda no sentido de explorar o consumismo que é incentivado pela sociedade moderna e que muitas vezes se torna uma compulsão vale lembrar que “Consumo” é uma palavra com raiz francesa e inglesa e originalmente quer dizer destruir, saquear, subjugar, exaurir. Até meados da década de 1920 era um termo usado para referir-se à tuberculose, a doença mais fatal da época. “A metamorfose do consumo, de vício à virtude, é um dos fenômenos mais importantes (...) do século XX” (RIFKIN, 1995, p.19).

A discussão travada até aqui parece não deixar dúvidas de quão complexos são os problemas da sociedade moderna abordados neste trabalho.

Acúmulo de resíduos sólidos nas periferias dos centros urbanos, locais onde normalmente se situam os lixões, deve-se ao fato de que a sociedade moderna que se assenta sob as bases do consumismo se estrutura nas cidades. Isto porque, segundo Leff (2001), a cidade é o lugar onde se aglomera a produção, congestionam-se o consumo, amontoa-se a população e onde se degrada energia. Os processos urbanos, segundo Leff (2001), alimentam-se da superexploração dos recursos

naturais, da desestruturação dos entornos ecológicos, do dessecamento dos lençóis freáticos, da sucção dos recursos hídricos, da saturação do ar e da acumulação do lixo. Segundo a lógica da sociedade moderna, todo este processo se justifica, ou ainda este é o preço necessário que se pague para que se desfrute dos benefícios do progresso.

No que se refere ao progresso material da humanidade ao longo dos séculos, especialmente a partir da chamada Revolução Industrial, século XVIII, que revolucionou a forma de fabrico dos produtos, aumentando a produção e diminuindo custos, com o aumento dos lucros, a sociedade moderna tem se estruturado e progredido magnificamente. Não conseguiu ainda, no entanto, resolver as conseqüências desta forma de organização social, política e econômica, a que o homem tem se submetido na modernidade.

As contradições referidas acima parecem indicar que é chegada a hora de rever-se concepções de progresso, de desenvolvimento e de crescimento sem limite, para se configurar uma nova racionalidade, talvez mais voltada às subjetividades.

Tal fato (atenção às subjetividades) se justificaria pela tangível crise ambiental que se projeta como uma sombra sobre a sociedade moderna globalizada. Esta crise – degradação ambiental, risco de colapso ecológico e o avanço da desigualdade e da pobreza - veio questionar a racionalidade e os paradigmas teóricos que impulsionaram e legitimaram o crescimento econômico negando a natureza e a criatividade humana.

A racionalidade que conduziu ao progresso banuiu a natureza da esfera da produção, gerando processos de degradação ambiental em escala jamais vista, e criou a cultura do individualismo e da ética da indiferença, o que levou ao afastamento entre as pessoas, gerando no homem moderno, segundo Sennett (2003), uma crise táctil. Isto porque, na sociedade moderna, os homens estão voltados para si próprios, para a satisfação de suas necessidades narcísicas onde a identidade é dada pelo que se consome, mais do que pelo que se é. Ainda para Sennett (2003), na sociedade moderna, o peso do individualismo é tão insustentável que afasta da imaginação o altruísmo e a piedade como essenciais à conduta humana.

É de consenso também que o predomínio da racionalidade cartesiana que possibilitou o progresso, o tem feito de modo competente, do ponto de vista da



produção de bens materiais, mas tem revelado contradições significativas no que tange a natureza e as relações humanas.

Segundo Magera (2003), o desperdício pode ser considerado um grande mal das novas gerações. No Brasil, segundo Magera (2003), joga-se fora 61% da produção agrícola. De cada 100 caixas de produtos agrícolas plantados, só 39 chegam a ser consumidas. O desperdício dos produtos agrícolas (lixo orgânico) além de deixar de alimentar os milhões de famintos que passam fome no Brasil, torna-se ainda pior quando vai parar nos lixões (decomposição do lixo orgânico gera o chorume que é altamente poluente).

Convém ressaltar que a problemática ambiental, como bem relaciona Leff (2001) não é ideologicamente neutra nem alheia a interesses econômicos e sociais, daí a grande dificuldade da sociedade atual em gerenciar os problemas ambientais que ameaçam o planeta. Ainda no sentido dos interesses econômicos de alguns Freire (2001, p.144), relata:

Através da manipulação, as elites dominadoras vão tentando conformar as massas populares e seus objetivos. E, quanto mais imaturas, politicamente, estejam elas (rurais ou urbanas), tanto mais facilmente se deixam manipular pelas elites dominadoras que não podem querer que se esgote seu poder.

É evidente a complexidade dos problemas que a chamada sociedade moderna precisa enfrentar (vive-se nos limites dos desequilíbrios ecológicos, da capacidade de sustentação da vida, da pobreza e desigualdade social). Para Magera (2003), é exatamente por isso que a crise ambiental leva à reflexão do conhecimento do lixo e suas relações na sociedade capitalista.

A crise ambiental tem início com a sociedade industrial, já que segundo Ianni (2000), desde o século XVIII (Revolução Industrial), que o homem se tem feito destruindo o Planeta Terra. Ianni, (2000, p.21), faz uma citação bastante chocante ao dizer que o mundo começou sem o homem e acabará sem ele. O autor afirma ainda que o difícil entendimento do homem em relação à complexidade do mundo que ele mesmo criou leva inexoravelmente ao risco ecológico, iminente e de proporções não mensuráveis do futuro da raça humana no planeta Terra.

## **I.2.2 - O catador de lixo e os benefícios da atividade dos catadores**

Se a questão do emprego é bastante séria em todo o mundo globalizado, mesmo nos países ricos, nos chamados países em desenvolvimento

como é o caso do Brasil, ele se torna ainda mais gritante, especialmente no que se refere aos que tiveram menos oportunidades de profissionalização, como é o caso dos que abraçam a catação muitas vezes até para fugir da criminalidade. É na informalidade que os catadores vão encontrar alternativa de emprego e renda.

A desigualdade social gera grupos de pessoas, como os catadores, por exemplo, que segundo Sen (2002) têm suas liberdades substantivas (direito à saúde, educação básica – seguridade social enfim) tolhidas, o que acarreta mal estar na sociedade. Sen (2002) defende que obviamente estes direitos devem ser alcançados via crescimento econômico, mas, sobretudo, com distribuição deste crescimento de forma mais eqüitativa. A colocação de Sen (2002), está amparada no exemplo dos chamados Tigres Asiáticos. Ele observa que o exemplo pioneiro de crescimento econômico por meio da oportunidade social, especialmente na área da educação básica é o Japão. Ainda em meados do século XIX o Japão já apresentava taxas de alfabetização mais elevadas que as da Europa. Sen (2002) relaciona o desenvolvimento econômico do Japão diretamente ao desenvolvimento dos recursos humanos favorecidos pelas oportunidades sociais geradas.

Apesar de o catador não ter valor em nossa sociedade, segundo Bursztyn (2000) eles representam hoje 15% da população economicamente ativa do Brasil, isto é, há cerca de 1 milhão de pessoas que otimizam esforços a favor da reciclagem e conseqüentemente do meio ambiente. Para ele: “Onde há gente, há lixo; onde há riqueza, há lixo rico; onde há miséria, há gente recolhendo o lixo da opulência e do consumismo”.

O catador de resíduos recicláveis é um ator social completamente bem situado e fruto da dinâmica da sociedade moderna. É um ator social de extrema relevância, aliás, como a maioria dos trabalhadores de funções extremamente simples e pouco valorizados, mas que são de vital importância para o funcionamento da sociedade, nos moldes em que ela está organizada.

Para se ter uma noção mais concreta do valor do trabalho dos catadores, os dados a seguir falam por si. Segundo a Associação Brasileira de Embalagens em 2003 foram recicladas 45% das embalagens de vidro, 77% das embalagens de papelão ondulado, 47% de aço, 89,5% das latas de alumínio, 21% de plásticos rígidos e filmes. Todas estas taxas de reciclagem não seriam possíveis se não houvesse por trás o trabalho do catador.

Segundo pesquisa realizada pelo Instituto Água e Vida em 1998, a profissão de catador existe em todas as regiões do Brasil, sendo que 67% das capitais

brasileiras possuem catadores de lixo trabalhando nas ruas e 37% trabalham e/ou moram em lixões. Isto representa em números uma população de 24.340 pessoas morando nos lixões. Destes 22% têm menos de 14 anos de idade.

Um outro aspecto que despertou interesse para a realização desta pesquisa foi à exploração a que o catador está exposto, uma vez que, o atravessador (sucateiro) paga a eles um preço irrisório pelos materiais recicláveis. Segundo relata Magera (2003), O “homem da balança”, o sucateiro atua como “comparsa” das indústrias recicladoras, que em última instância é que fica com o maior valor primário extraído dos catadores de lixo.

Porém cabe salientar que o maior beneficiado da reciclagem do lixo, que é promovida pelos catadores e cooperativas de lixo no Brasil, é o setor industrial e a sociedade. Diz Magera (2003) que é através do sucateiro, seu intermediário e “comparsa” que as indústrias ficam com o maior valor primário extraído dos catadores de lixo.

Apesar da exploração sofrida pelos catadores, Magera (2003) os coloca como um dos agentes mais importantes envolvidos na epistemologia ambiental. Este agente recebe várias denominações de acordo com a região em que atua. Pode ser chamado de andarilho, rampeiro, margarida, xepeiro, badameiro e bóia fria do lixo. Ainda pode ser chamado de garrafeiro, carroceiro, comprador de parte do material coletado nas ruas por outras pessoas, vendendo-o, depois, por um preço superior aos demais colegas catadores, já que tem seu poder de barganha aumentado em função do volume.

Magera (2003), chama o catador de Dom Quixote em função da importância de seu trabalho junto à sociedade.

Lourenço *apud* Magera (2003), em um trabalho de pesquisa de rua, diz que o catador é um indivíduo do sexo masculino (quase 80%), que em sua maioria migra do Norte e Nordeste do Brasil para a região Sudeste. Eles têm idade entre 30 e 40 anos, possuem ensino fundamental incompleto e não tem endereço fixo. Ainda segundo Lourenço *apud* Magera (2003), existem entre os catadores crianças entre 5 e 12 anos e mulheres normalmente com idade acima de 30 anos, que são, respectivamente, filhos e companheiras dos catadores de rua.

Ao contrário de Bursztyn (2000), o CEMPRE<sup>1</sup> (1999) apresenta números mais modestos no que se refere ao número de catadores no Brasil, ou seja, ele estima que o número de catadores de lixo seja de aproximadamente 300 mil, sendo que

---

<sup>1</sup> CEMPRE- Centro Empresarial para Reciclagem

2/3 deles estão no Estado de São Paulo, cuja maior concentração está na grande São Paulo. Pode-se concluir diante das duas estimativas levantadas por esta revisão de literatura, que não há ainda estudos conclusivos que levem a dados precisos sobre o número de catadores no Brasil e nem das relações existentes entre eles e a sociedade moderna, no que tange a inclusão/exclusão social e os seus diversos aspectos.

Quanto à renda dos catadores na cidade de São Paulo, segundo Calderoni (1997), os catadores possuem uma renda média em torno de R\$ 300,00 (trezentos reais).

Quanto aos tipos de catadores, há os que atuam nas ruas em carrocinhas com tração humana ou a cavalo (carroceiros e carrinheiros), de bicicleta ou mesmo coletando recicláveis com as mãos. Estes procuram nos centros das cidades materiais como papelão, papel, plásticos e metais (principalmente o alumínio). Há ainda os catadores que trabalham coletando materiais recicláveis nas residências (papel papelão, latas de alumínio, vidros e plásticos como o PET, por exemplo) e os catadores de resíduos recicláveis dos lixões a céu aberto.

O catador, objeto deste estudo pode ser caracterizado como um indivíduo que, remexendo os restos da sociedade, segrega aquilo que é de fato lixo, daquilo que não é lixo. Isto significa dizer que estes agentes sociais, como são chamados por Magera (2003), selecionam os resíduos sólidos secos que podem ser encaminhados para a reciclagem como papel, plástico, vidro e metal, daqueles resíduos que não têm reciclagem como fraldas descartáveis, papel higiênico usado, tecidos, borracha etc, ou mesmo restos orgânicos.

Apesar de serem recicláveis, os restos orgânicos são mais difíceis de serem coletados e transportados tanto pelo peso quanto pelo odor desagradável e pelos líquidos gerados, por isto não têm o interesse do catador. A falta de mercado para este tipo de resíduo também faz com que ele não seja alvo de interesse do catador. Cabe ainda salientar que os resíduos orgânicos em um lixão pelas suas próprias características contribuem para gerar um ambiente inóspito e poluente pela produção do chorume e da atração de vetores transmissores de doenças. Para situar melhor os resíduos sólidos recicláveis que são comercializados pelos catadores, é necessário fazer uma breve abordagem de sua classificação.

### **I.2.2.1 – Classificação dos Resíduos Sólidos**

Quando se divide o lixo em partes ou classes, verifica-se que cada uma delas implica em um tipo de agressão ou impacto. Por isto, é muito importante organizar os resíduos sólidos com base em um conjunto de critérios para que se possa dar um destino mais adequado a cada um deles. Deste modo, os resíduos sólidos podem ser classificados das seguintes formas, segundo D'Almeida (2000) :

- Quanto à natureza física;
- Quanto à composição química;
- Quanto à origem;
- Quanto aos riscos ao meio ambiente e a saúde da população e;
- Quanto a reciclabilidade

#### **a) Quanto a natureza física**

Aqui os resíduos sólidos podem ser divididos em secos e úmidos. Esta divisão pode ser importante no processo de coleta seletiva e em processos como a compostagem, que utiliza os resíduos sólidos úmidos para a produção de uma espécie de “adubo” para as plantas, a partir da ação de microrganismos.

#### **b) Quanto a composição química**

Os resíduos sólidos podem ainda ser classificados em orgânicos e inorgânicos, também de importância para o destino adequado das partes, ou seja, os orgânicos (entendidos aqui como os restos de alimentos e ainda as folhas e galhos de árvores).

#### **c) Quanto a origem**

Uma outra forma de classificação do lixo é quanto a sua origem, ou seja, de que lugar eles vieram. Esta informação é importante pois ajudará no seu destino final, visto que dependendo da origem do lixo, ele deve ter um destino diferente.

- Lixo doméstico – produzido nos domicílios, residências e consiste basicamente de restos de alimentos, cascas de frutas, verduras, embalagens plásticas, metal, vidro, papel e papelão etc.;

- Lixo comercial – vindo dos estabelecimentos comerciais e de serviços, tais como bancos, instituições financeiras, supermercados, escritórios, hotéis,

restaurantes etc. e compõe-se na maior parte, de material inorgânico (papel, embalagens, restos de madeiras, plásticos etc.);

- Lixo industrial – consiste geralmente de aparas de fabricação, rejeitos de diversos ramos da indústria;

- Lixo hospitalar – originário de ambulatórios, hospitais, laboratórios de exames clínicos; constitui-se de resíduos sépticos, tais como: seringa, gazes, tecidos removidos de culturas, luvas descartáveis, remédios, filme fotográficos de raios X, restos de alimentos de pacientes etc.;

- Lixo público – aquele vindo dos serviços de limpeza pública urbana, varrição de vias públicas, limpeza de praias, limpeza de feiras-livres etc.;

- Lixo agrícola – composto de resíduos sólidos das atividades agrícolas e pecuárias, podendo incluir também as embalagens de fertilizantes e defensivos agrícolas, que geralmente, são altamente tóxicos e devem possuir um destino diferenciado das demais embalagens utilizadas na lavoura.

- Lixo nuclear – composto de bastões de combustível radioativo que sobram das usinas nucleares, aos quais ainda hoje, não se sabe que destino dar. (alguns países já sofreram algum tipo de acidente com estes resíduos).

- Lixo entulho – formado por resíduos normalmente originados na construção civil, composto por materiais de demolição, ou restos de materiais de construção tais como, pisos, azulejos, metais, cimento, tijolos etc.

#### **d) Quanto aos riscos ao meio ambiente e a saúde da população**

Pelos riscos potenciais ao meio ambiente os resíduos sólidos podem ser classificados em: perigoso, não inerte e inerte (ABNT – NBR 10.004 – Nov. 2004);

- Resíduos classe I – considerado perigoso. Apresenta risco a saúde pública ou ao meio ambiente, caracterizando-se por conter as seguintes propriedades: inflamabilidade, corrosividade, reatividade, toxicidade patogenicidade;

- Resíduo classe II a – não inerte. Possui propriedades como: combustibilidade, biodegradabilidade ou solubilidade;

- Resíduo classe II b – inerte. É aquele que submetido ao teste de solubilização, não teve nenhum dos seus constituintes solubilizados. D'almeida (2000).

### **e) Quanto a reciclabilidade**

Aqui eles são classificados em recicláveis e não recicláveis. Isto significa separar as frações do lixo de acordo com a possibilidade de reciclagem dos resíduos, definindo tudo o que não tem como ser aproveitado e que deverá, portanto, ir para um aterro sanitário.

É preciso entender que os catadores não se encontram somente pelas ruas dos centros urbanos, mas também nos lixões a céu-aberto, como foi mencionado acima, e também nos aterros controlados e sanitários, embora em menor frequência nestes dois últimos, devido às limitações impostas por estes métodos como cercas, guarita etc.

Tanto nas ruas quanto nos lixões, os catadores trabalham em condições inadequadas, exercendo uma atividade que exige grande flexibilidade, resistência e força para coletar, separar e transportar os recicláveis contidos em sacos e sacolas, muitas vezes por grandes trajetos.

Ao juntar os seus recicláveis, a atuação do catador evita que grandes quantidades de matéria-prima sejam enterradas ou desperdiçadas todos os dias nos centros urbanos. Por exemplo, o vidro tem como origem principal a areia, o papel origina-se principalmente da madeira, o plástico do petróleo e os metais dos minérios extraídos da natureza. Quando são conduzidos para a reciclagem, além da economia de recursos naturais poupados da extração, tem-se ainda uma economia de recursos naturais no próprio processo de reciclagem.

Por exemplo, a reciclagem dos metais, considerando o caso específico do alumínio, que tem como origem principal a bauxita, contribui para economizar até 95% da energia utilizada no processo a partir da matéria-prima virgem. A diferença é suficiente para abastecer de energia 160 pessoas durante um mês. Somente a reciclagem de uma lata de alumínio economiza energia para manter uma lâmpada de 100 W acesa durante 3 horas e meia ou deixar a televisão ligada por três horas.

Cada tonelada de caco de vidro limpo origina uma tonelada de vidro novo e mais: 1,2 tonelada de matéria-prima virgem deixa de ser gasta. Em termos de combustível e eletricidade, apenas na fabricação, para cada 10% de vidro reciclado na mistura, economiza-se 2,5% da energia necessária para a fusão nos fornos industriais. Isto porque o vidro é formado pela fusão dos elementos areia (72%), carbonato de sódio (15%), calcáreo (9%), e feldspato (4%) a uma temperatura de aproximadamente 1500 °C, formando uma massa em estado plástico de altíssima

viscosidade, que dará origem ao vidro. As etapas de reciclagem do vidro são mostradas na Figura 1.

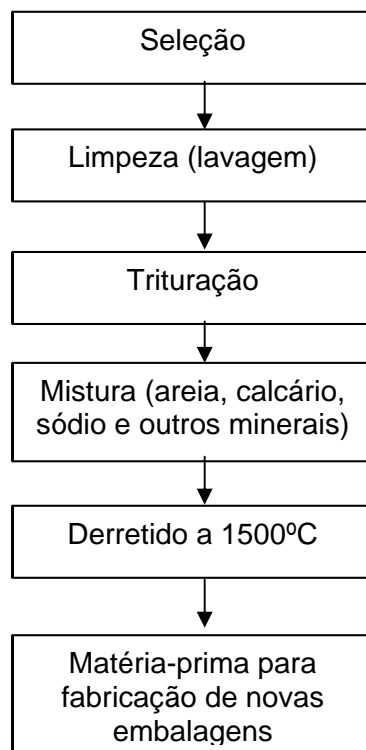


Figura 1 - Etapas da reciclagem do vidro.

Fonte: Prolixo (2005)

Na reciclagem, uma tonelada de vidro economiza também 603 Kg de areia, 196 quilos de carbonato de sódio, 196 quilos de calcáreo e 168 de feldspato. Ao ser reciclado, o vidro serve para a fabricação de outro vidro, sem perder as suas propriedades. Em geral, os plásticos são materiais sintéticos obtidos por meio de fenômenos de polimerização ou multiplicação artificial dos átomos de carbono nas grandes correntes moleculares dos compostos orgânicos. A sua reciclagem envolve uma moagem, secagem, extrusão, granulação, até formar o produto granulado que será utilizado pela indústria de reciclagem na fabricação de um novo produto conforme mostra a Figura 2.



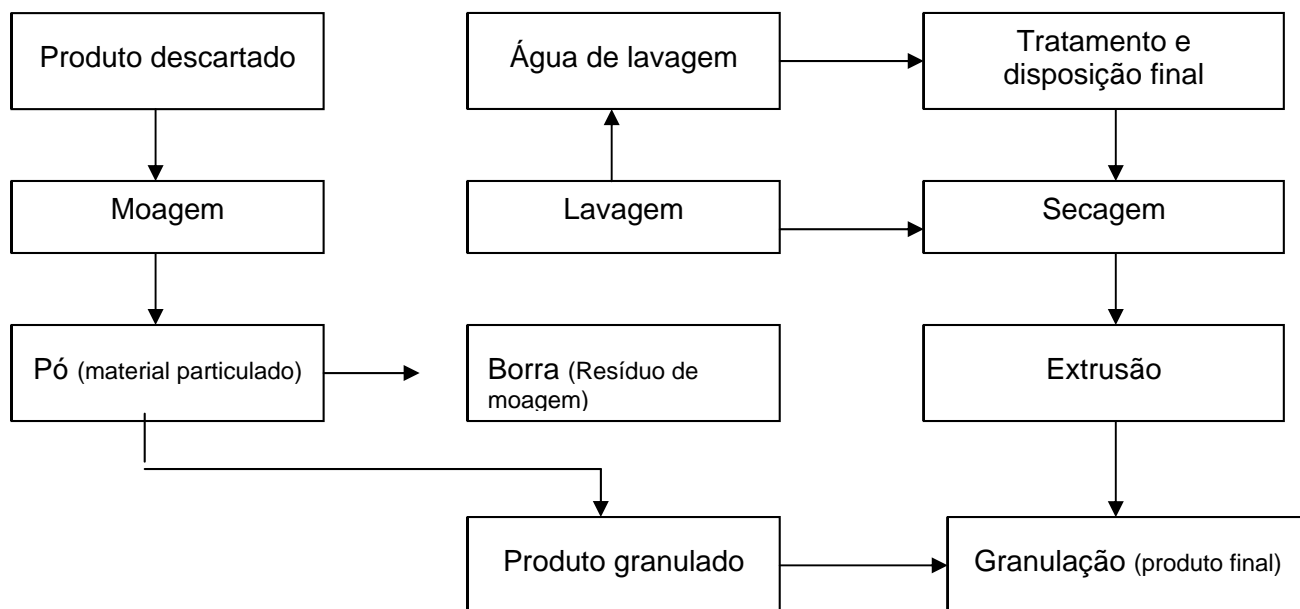


Figura 2 - Etapas da reciclagem do plástico

Fonte: D'ALMEIDA O. Maria Luiza (org) IPT/CEMPRE (2000)

Por volta de 80% dos plásticos são termoplásticos, isto é, podem ser reciclados várias vezes e cada tonelada de plástico reciclado equivale à economia de 130 Kg de petróleo.

Segundo dados do Cempre- Compromisso Empresarial para a reciclagem, a reciclagem de 1 tonelada de papel utilizado economiza 2,5 barris de petróleo, 98 mil litros de água e 2.500 Kw/h de energia elétrica. As etapas da reciclagem do papel envolvem degradação das aparas, limpeza e depuração da massa obtida, destintamento e alvejante, pasta celulósica de fibras, refinação de pasta, adição ou não de fibras virgens, adição de produtos químicos e por fim formação de um novo papel, como mostra a Figura 3.

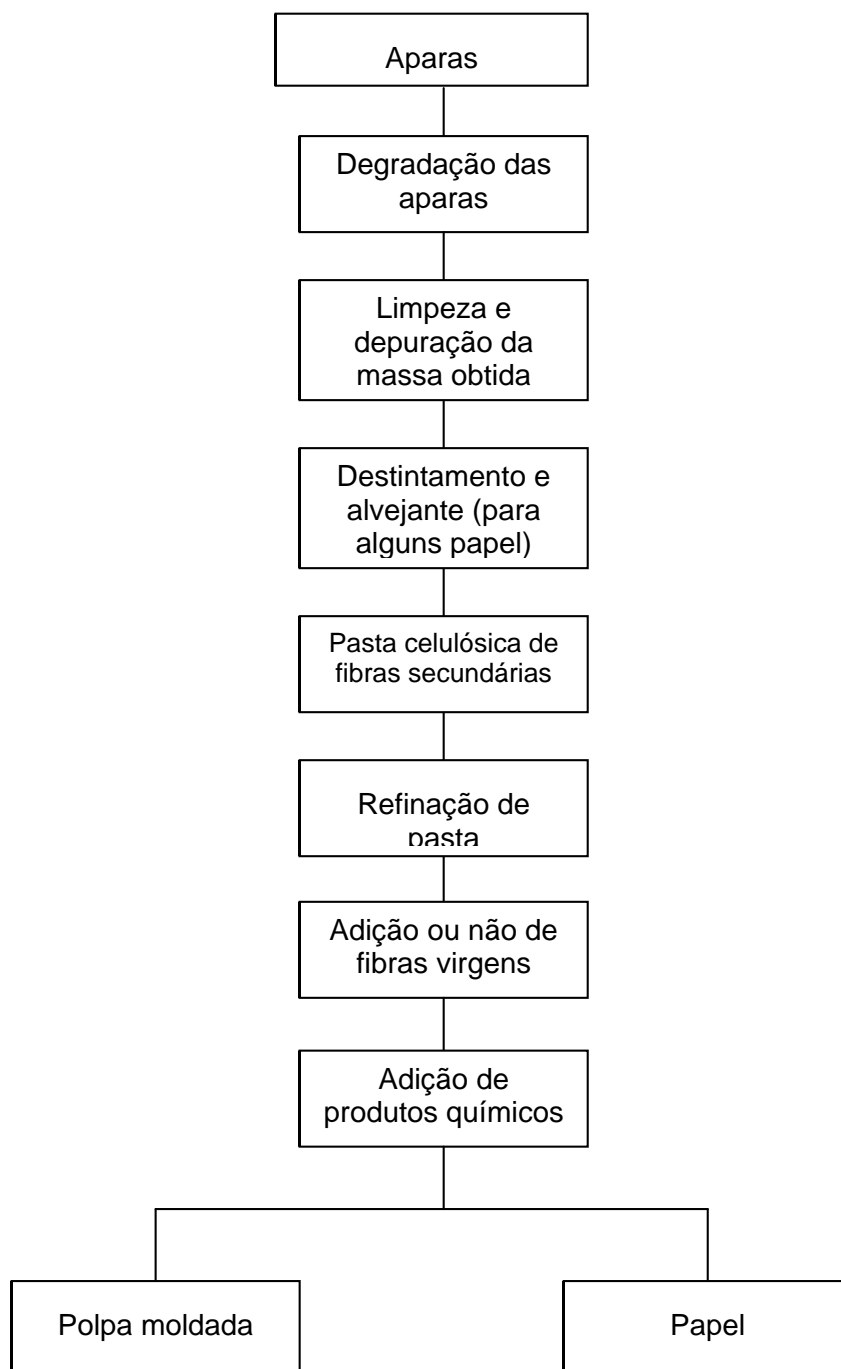


Figura 3 – Etapas da reciclagem do papel.

Fonte: D'ALMEIDA, O. Maria Luiza -CEMPRE/IPT (2000)

Outro aspecto benéfico da atuação dos catadores é o tempo de vida dos materiais no lixo. O vidro por exemplo, leva mais de 10.000 anos para se decompor, o plástico de 100 a 400 anos e o alumínio mais de 1.000 anos. Com um tempo de

decomposição tão longo, estes recicláveis se tornariam herança para várias e várias gerações futuras se não fosse a atuação principalmente do catador nos centros urbanos.

Após a coleta, os recicláveis segregados pelos catadores normalmente são vendidos para um sucateiro, tido como um intermediário. Este sucateiro, por sua vez, realiza algum tipo de processamento aos recicláveis, agregando valor a estes e comercializando muitas vezes pelo dobro do preço de compra pago ao catador.

O simples enfardamento significa agregar valor aos recicláveis, reduzindo volume. A trituração, a lavagem e extrusão de plásticos, são um outro tipo de processamento utilizando maior tecnologia e que agrega maior valor ainda aos recicláveis. O plástico granulado obtido por processamento vai direto para a indústria recicladora.

Por isto, quando os catadores se organizam em associação ou mesmo cooperativas, a aquisição de alguns equipamentos e um pequeno processamento já permite que eles possam obter um ganho maior com a venda dos seus recicláveis. No entanto, este tipo de organização nem sempre é possível.

A organização de trabalhadores marginalizados como é o caso dos catadores, não é uma tarefa muito fácil. Estes por sua condição de auto-estima fragilizada, falta de recursos financeiros e despreparo profissional (a maioria das vezes semi-analfabetos ou até mesmo analfabetos) acabam por enfrentar obstáculos relevantes, no caminho de sua organização. Porém existem iniciativas com apoio de setores da sociedade civil que obtêm resultados bastante satisfatórios. Convém pontuar que as vantagens de uma cooperativa de trabalhadores são suficientemente importantes para os próprios trabalhadores, mas, também para a sociedade civil como um todo.(Magera, 2004).

No que tange aos trabalhadores, uma experiência da cidade de São Paulo, através da Coopamare - Cooperativa de Catadores Autônomos de papel, aparas e materiais reaproveitáveis, que nos dizeres de Magera (2003) teve início a partir do apoio de um núcleo religioso, mostra que projetos como estes podem contribuir para que os trabalhadores até então marginalizados, estigmatizados, resgatem a sua dignidade e a cidadania. A cooperativa em questão contribuiu também no sentido de impedir que estas pessoas que trabalhavam pelas ruas deixassem de ter a violência e a marginalidade em seu cotidiano.

A Coopamare - Cooperativa de catadores, papel e aparas de São Paulo, relata ainda outros benefícios do cooperativismo, como alternativa para os que

trabalham na informalidade. Os catadores passaram a ter um local adequado para executar o seu trabalho, ganharam de legitimidade junto ao mercado comercializador. Fabricantes e intermediários passaram a coletar o material na sede da cooperativa sistematicamente. Os catadores também obtiveram visibilidade e aceitação pública por parte de vários setores da sociedade como os comerciantes, as donas-de-casa, as empresas e a população em geral.

Não se pode deixar de citar também que segundo Magera (2003), a Coopamare, a prefeitura de São Paulo, reduziu os gastos com resíduos que deixaram de ir para os lixões ou aterros sanitários, aumentando a vida útil dos mesmos.

A organização de trabalhadores, especialmente dos marginalizados, como é o caso do catador de resíduos recicláveis pode enfrentar dificuldades, porém todas passíveis de serem enfrentadas. A Cooperativa de Reciclagem de Jaboticabal, no estado de São Paulo, revela em sua experiência que as maiores dificuldades por ela enfrentada foram a resistência dos trabalhadores em incorporar o modelo de auto-gestão e em romper com a cultura da subordinação. E ainda a volatilidade dos cooperados em permanecer na cooperativa, além da dependência do grupo de catadores em relação à equipe técnica para a gestão administrativa da cooperativa. Obviamente estes são problemas já esperados diante das condições a que os catadores de recicláveis são expostos pelas próprias circunstâncias de sua vida. Eles são geralmente analfabetos ou semianalfabetos, não tem qualificação profissional, e têm auto-estima muito fragilizada.

### **I.2.3 - Características e perigos de um lixão a céu aberto**

Um lixão é uma forma inadequada de disposição final dos resíduos sólidos, caracterizado pela simples descarga de lixo sem qualquer tratamento sobre o solo, sem medidas de proteção ao meio ambiente ou à saúde pública (HAMADA, 1999; IPT/CEMPRE 2000), como mostra a Figura 4.). Esta disposição irregular em lixões pode contaminar não só os recursos hídricos como também o solo e até mesmo o ar. Isto porque os resíduos orgânicos ali presentes geram um líquido escuro, altamente poluente denominado de chorume. O chorume, devido às suas características, é de difícil tratamento por possuir uma carga poluidora muito elevada e ser um líquido que é gerado em grandes quantidades diariamente, principalmente no período de chuvas.



Figura 4 - Esquema de um lixão a céu-aberto mostrando a presença dos catadores e animais no local de descarga dos caminhões e o acúmulo de chorume na superfície do solo, bem como a sua absorção pelas camadas do solo.  
Fonte: D'almeida (2000)

O lixo, quando é jogado de qualquer maneira, sem nenhum controle ou fiscalização, pode ferir, agredir, pode até mesmo ser considerado uma bomba com grande potencial de destruição ou de impacto ambiental.

Outro fato também relevante no Brasil no que tange a produção e destinação de lixo é o fato de que das 125.281 toneladas diárias de lixo urbano produzido, somente 15% têm seu destino em aterros sanitários; em aterros controlados são depositados 13% deste total, os outros 67% vão para lixões a céu aberto e menos de 5% acabam sendo reciclados. (IBGE, 2002). Estes números são preocupantes porque se vive hoje uma escassez de recursos naturais e um aumento da população.

Vale ressaltar que o impacto ambiental causado pelo lixo é mais sentido no solo, na água e no ar. No solo, quando disposto sem nenhum tratamento, o lixo, por ser composto por muita matéria orgânica e água, transforma-se em um excelente habitat para os macro e micro-vetores. Os macro-vetores são, moscas, baratas, ratos, porcos, cachorros, urubus e outros. Estes, no entanto, não chegam a

causar maiores prejuízos ao solo. O mesmo não se pode afirmar com relação aos micro-vetores. As bactérias, os fungos, os actinomicetes e vírus, ali presentes podem conter uma parcela de patogênicos representando riscos à saúde humana.

Segue abaixo a Tabela 1, com enfermidades causadas por microorganismos patogênicos mais freqüentes nos resíduos sólidos e seu tempo de sobrevivência.

<b>Microorganismos</b>	<b>Doenças</b>	<b>R.S. (dias)</b>
<b>Bactérias</b>	-	-
Salmonella Typhi	Febre Tifóide	29 a 70
Salmonella Paratyphi	Febre Paratifóide	29 a 70
Salmonella sp	Salmoneloses	29 a 70
Shigella	Desintéria Bacilar	02 a 07
Coliformes Fecais	Gastroenterites	35
Leptospira	Leptospirose	15 a 43
Mycobacterium Tuberculosis	Tuberculose	150 a 180
Vibrio Chelerae	Cólera	1 a 13
<b>Vírus</b>	-	-
Enterovirus	Poliomielite (Polivírus)	20 a 70
<b>Helmintos</b>	-	-
Ascaris Lumbricóides	Ascaridíase	2000 a 2500
Trichuris Trichiura	Trichiuríase	1800
Larvas de Ancilóstomos	Ancilostomose	35
Outras Larvas de Vermes	-	25 a 40
<b>Protozoários</b>	-	-
Entamoeba	Amebíase	08 a 12

Tabela 1 – Relação dos microrganismos encontrados nos resíduos sólidos, as doenças que causam e o tempo de vida no lixo.

Fonte:Lima (2000)

A Tabela 2 apresenta as enfermidades relacionadas aos Resíduos Sólidos transmitidas por Macro Vetores e reservatórios.

<b>Vetores</b>	<b>Forma de Transmissão</b>	<b>Enfermidades</b>
Rato e Pulga	Mordida, urina, fezes e picada	Leptospirose Peste Bubônica Tifo Murino
Mosca	Asas, patas, corpo, fezes e saliva	Febre Tifóide Cólera Amebíase Desintéria Giardíase Ascaridíase
Mosquito	Picada	Malária Febre Amarela Dengue Leishmaniose Febre Tifóide Cólera
Barata	Asas, patas, corpo e fezes	Giardíase
Gado e porco	Ingestão de carne contaminada	Teníase Cisticercose
Cão e Gato	Urina e fezes	Toxoplasmose

Tabela 2 – Enfermidades relacionadas aos resíduos sólidos, os vetores e forma de transmissão.

Fonte: Adaptado de Bakros (1995)

Os dados acima (Tabela 1 e 2), evidenciam a importância da coleta, transporte, tratamento e disposição adequada dos resíduos sólidos urbanos, como forma de garantir a saúde pública, visto que os lixões são verdadeiros depósitos de microorganismos patogênicos e de macro vetores, que causam danos à vida humana. Um outro risco que a sociedade e as autoridades dos centros urbanos podem deparar-se é o incêndio nos lixões, haja vista que não há qualquer fiscalização no sentido de evitar a entrada de pessoas que possam praticar atos que certamente trarão danos à atmosfera e a saúde humana, pois a queima dos resíduos sólidos como pneus, plásticos, resíduos industriais, podem liberar para atmosfera substâncias tóxicas e cancerígenas (dioxinas e furanos), como foi o caso

do lixão de Içara noticiado em Fevereiro de 2005, no jornal da Manhã, como mostra a figura 5.



Figura 5 – Foto do lixão de Içara incendiado no mês de Fevereiro de 2005.

Segundo um jornal local, os moradores do entorno, estão prometendo uma interdição no local, uma vez que estão com problemas de saúde, devido a fumaça. Segundo o presidente da Associação de Moradores do Poço 8, Neuzi Berto Silveira, muitas das famílias da comunidade tiveram que levar os parentes para o hospital por causa da fumaça.

O secretário de Obras de Içara, afirmou que a situação estava fora de controle, e que ele iria pedir uma máquina emprestada no município vizinho de Tubarão, para aterrar o local e assim apagar o fogo.

É certo que no que se refere ao destino e manejo dos resíduos sólidos, tem-se um grande problema a ser enfrentado. Além da degradação de solo, água e ar, e da dificuldade em se conseguir terrenos não muito longe dos perímetros urbanos aptos a se transformarem em aterros sanitários e que tenham durabilidade que compense seus custos de implantação, há também o problema relacionado aos custos do serviço de coleta, transporte e destino final dos resíduos sólidos recicláveis. Isto significa que o contribuinte pago cada vez mais e muitas vezes para



enterrar matéria-prima ou recursos naturais que às vezes nem vão se decompor ao longo do tempo.

Nos municípios da Grande São Paulo, por exemplo, o serviço de limpeza urbana é deficitário – as taxas de limpeza geram receita inferior às despesas. Segundo Novaes (2002) em São Paulo, são despesas de R\$ 1173,9 milhões anuais para uma receita de R\$ 99,72 milhões.

Ainda segundo Novaes (2002) em Garulhos, Osasco, Santo André, São Bernardo e Diadema, a relação entre receita e despesa varia de um real arrecadado para dois gastos, ou até uma para vinte. Diante de tal situação, segundo Novaes (2002), é oportuna a proposta de Política Estadual de Resíduos Sólidos. A Secretaria de Meio Ambiente do Estado propõe ainda um anteprojeto de lei que propõe caminhar nas direções corretas:

- \* reduzir a geração de resíduos;
- \* promover a reutilização, a reciclagem e a recuperação de materiais;
- \* fomentar o consumo de materiais reciclados por organismos e agentes públicos;
- \* definir a responsabilidade pós-consumo do produtor (ela não se esgota na venda ao comerciante)
- \* definir a responsabilidade por danos causados por agentes econômicos (princípio poluidor/pagador) com o lixo que produzem;
- \* reconhecer o direito do consumidor à informação sobre o potencial de degradação ambiental dos produtos que consome.

Para Novaes (2002), muitos são os acertos da política de resíduos sólidos propostos acima, mas o seu sucesso dependerá dos legisladores sim, mas principalmente da capacidade social de entender o drama a que cada cidadão tem diante de si e aceitar que tem um preço a pagar pela geração de resíduos. Isto porque apesar de nos centros urbanos cada pessoa produzir em média um quilo de lixo por dia, comporta-se como se nada tivesse a ver com isso, isto é, segundo nossa cultura lixo é um problema somente do poder público.

A problemática dos resíduos sólidos é bastante complexa e exige comprometimento de toda a sociedade. Zaneti (2003) afirma que a solução para o lixo será possível se estiverem incluídos na resolução: o poder público, a população, os catadores de lixo (agentes ambientais importantíssimos) e as empresas recicladoras.

Os problemas com a gestão adequada do lixo e os altos custos para coletar, transportar e dispor corretamente os resíduos sólidos mostram que os catadores, quando atuam em suas atividades estão contribuindo para reduzir/amenizar estas taxas, embora isto tudo fique invisibilizado pela sociedade.

Como o catador, objeto de estudo, atua em um lixão, considera-se importante caracterizar o lixão de Içara, onde ele atua. A disposição de resíduos sólidos em lixões a céu aberto é um método que infelizmente ainda é muito utilizado no Brasil e que traz consigo uma série de riscos ambientais e de saúde pública.

É no contexto da produção de bens materiais, do incentivo brutal ao consumo, do esgotamento dos recursos naturais, da degradação ambiental, do afastamento entre as pessoas e do crescimento das desigualdades sociais, em nome do progresso da chamada sociedade moderna, que se configura a relevância deste trabalho.

### **I.3 - POÇO 8 : UM ESTUDO DE CASO**

#### **I.3.1 - Içara e o lixão do Poço 8**

Este lixão a céu aberto surgiu à cerca de 20 anos e está localizado no bairro Poço Oito, antigo poço de mina, pois a área é uma antiga zona de mineração de carvão, como mostra a Figura 6.

O lixão a céu aberto de Içara não é um caso isolado, mas ao contrário, é a forma mais comum de destinação de resíduos sólidos urbanos na maioria dos municípios brasileiros. Sabe-se, no entanto, que não é a forma mais correta para destinação dos resíduos produzidos pelo homem. Isto porque, os inconvenientes ambientais de um lixão a céu aberto são bastante relevantes. Solos, águas superficiais, ar são bastante danificados, além da qualidade de vida das pessoas que residem próximas à área.

Como se pode verificar no mapa abaixo, o Lixão do Poço 8, está situado na localidade de mesmo nome. A localidade de Poço 8 situa-se próximo a Br 101 e a SC 444.



Figura 6 – Localização do lixão de Içara no bairro Poço 8. Escala indeterminável.

Fonte: fotocidade/2005

Como todo lixão, o fato de não conter qualquer estrutura de cercas, faz com que qualquer pessoa e em qualquer horário ali deposite qualquer tipo de resíduo. Assim, não são somente os resíduos domiciliares que para ali vão como mostra a Figura 7, onde se observa a presença inclusive de prováveis resíduos industriais.

Os resíduos industriais possuem componentes perigosos que afetam a saúde dos catadores que ali trabalham e o meio ambiente. Os resíduos industriais por sua peculiaridade deveriam ser dispostos de modo adequado em aterros industriais



Figura 7 – Foto mostrando que junto ao lixão são depositados resíduos de diversas naturezas.

No lixão de Içara, os resíduos sólidos são depositados ao longo de uma estrada de aproximadamente 1,5 km em meio à área alagada, como mostra a Figura 8 e 9.

O risco de se colocar lixo em áreas alagadas é o comprometimento do lençol freático, o que traria grandes prejuízos aos mananciais do local.



Figura 8 – Forma de deposição do lixo no lixão de Içara-SC.



Figura 9 - Foto mostrando que o lixão de Içara encontra-se em uma região alagada.

Próximo ao lixão, a cerca de 300 metros, estão situadas diversas residências, onde residem muitos dos catadores. Estas residências são simples, pequenas, de pouco conforto, como mostram as Figuras 10 e 11.

A proximidade das residências ao lixão, revela a situação de desconforto desta população uma vez que precisam conviver e criar seus filhos em meio ao odor do lixo em decomposição, bem como, o convívio com animais como moscas, baratas, vírus e bactérias que causam danos à saúde humana.



Figura 10 – Residências situadas próximas ao lixão de Içara-SC.



Figura 11 – Residências pertencentes a alguns catadores do lixão.

No lixão de Içara, percebe-se claramente a contaminação do solo pelo chorume gerado pelos resíduos orgânicos, o mau cheiro insuportável que tem o lugar e a presença de urubus em busca de carnes apodrecidas. Ainda é facilmente observada a contaminação das águas superficiais que circundam o lixão.

O município de Içara, localiza-se no sul do Estado de Santa Catarina - conforme mostra a Figura abaixo - é relativamente novo e sua criação remonta ao ano de 1961.



Figura 12 – Mapa do Estado de Santa Catarina mostrando em azul o município de Içara.

Fonte: CIASC - Centro de Informática do Estado de Santa Catarina - (2005)

Para conhecer o catador de Içara foi elaborada uma entrevista com 31 questões sobre a idade, o sexo, renda, origem da atividade, número de filhos, graus de escolaridade, conforme mostra o Anexo 1.

Para realizar a entrevista, foi necessário antes um primeiro contato com os moradores das residências próximas ao lixão. Por volta das 9 horas da manhã a pesquisadora chegou ao bairro Poço 8 a procura de informações sobre o lixão e os catadores. Aleatoriamente parou em frente a uma casa numa pequena vila margeada por plantações, e pediu informações. Uma senhora veio atender e disse que ali mesmo morava um antigo catador. Foram estes dois ex-catadores que com suas informações preciosas possibilitaram o primeiro contato da pesquisadora com o mundo da coleta informal e dos catadores. Estes dois cidadãos hoje já não integram mais o grupo de catadores. Disseram estar velhos, mas dizem ter criado filhos e vivido do lixão. Anteriormente ao lixão de Içara, dizem ter trabalhado no lixão da Mina Quatro, um bairro de Criciúma.

Um dos ex-catadores de 61 anos de idade, que não é aposentado pois no lixão nunca teve vínculo empregatício, já que são trabalhadores informais, diz que hoje se vira através de um dinheirinho que ganhou vendendo parte de seu terreno



de moradia para alguém que lá separa plástico mole (Sacolas de supermercado) e vende para um atravessador.

Após o contato com os catadores “inativos” do lixão de Içara é que foi possível contatar os membros ativos e assim aplicar a entrevista.

A segunda etapa da pesquisa, constituiu-se de questionário sócio-ambiental de 31 questões que foram aplicadas no próprio local de trabalho dos catadores individualmente. Ao aplicar o questionário, percebia-se o medo e o constrangimento da maioria dos catadores. A pesquisadora nesta etapa também realizou observação e posterior descrição do lixão a céu aberto.

A pesquisadora ainda procurou conversar informalmente com alguns catadores (mais receptivos), para obter informações de suas histórias de vida em conversas informais individuais.

Neste primeiro dia de entrevistas (dia 31.08.2003) faltaram ao trabalho 5 catadores, sendo que foram aplicados apenas 11 questionários. Enquanto um catador respondia as perguntas os demais estavam sentados ao redor aguardando, pois segundo um acordo entre eles, eles devem iniciar a catação juntos para que todos tenham as mesmas oportunidades de adquirir materiais recicláveis.

No dia 05 de setembro de 2003, voltou-se ao local para fazer as entrevistas com os catadores que haviam faltado no dia da entrevista anterior, e apesar do grupo de catadores ser de 16 pessoas, neste dia só foi possível aplicar mais três questionários. Procedeu-se a aplicação do questionário do mesmo modo.

Quanto à escolha do lixão de Içara para ser o foco da pesquisa foi o fato de que este lixão ainda não tinha sido alvo de nenhuma outra pesquisa. Isto é, tanto o ambiente físico quanto os catadores do lixão ainda não haviam sido explorados. Ainda um outro fato que motivou o trabalho foi que o Ministério Público já havia cobrado da Prefeitura Municipal que transformasse o lixão a céu aberto em aterro sanitário. Paralelamente ao levantamento de dados junto ao lixão de Içara, também foram realizadas duas entrevistas com o Secretário de Meio Ambiente de Içara, senhor Ricardo Lino, que prestou relevantes informações quanto ao destino do lixão e dos catadores, uma vez que o Ministério Público exige que os atuais lixões sejam transformados em aterros sanitários.

Paralelamente a pesquisa de campo, buscou-se literatura adequada para situar o catador dentro do contexto da sociedade moderna e entender o papel e a relação destes. Foram pesquisados livros diversos, artigos e ainda feitas buscas na

Internet sobre dissertações de mestrado e teses de doutorado sobre o assunto objeto deste estudo.

### I.3.2 - Os catadores do lixão de Içara

Para entender melhor quem são os catadores de Içara-SC, os dados coletados foram organizados em diversos gráficos, mostrando o perfil destes catadores e a sua origem.

Assim, determinou-se que estão envolvidos no trabalho de catação no lixão de Içara 14 pessoas, dentre as quais 8 são do sexo masculino e 6 são do sexo feminino.

Quanto à idade, o maior número deles situam-se na faixa etária que vai de 41 a 50 anos (35 %), como mostra a Figura 13.

Tal dado aponta para a dificuldade que cidadãos desta faixa etária encontram para sustentar-se. É o mercado formal atual que segue a lógica da exclusão do direito ao emprego aos cidadãos ainda em plena idade ativa.

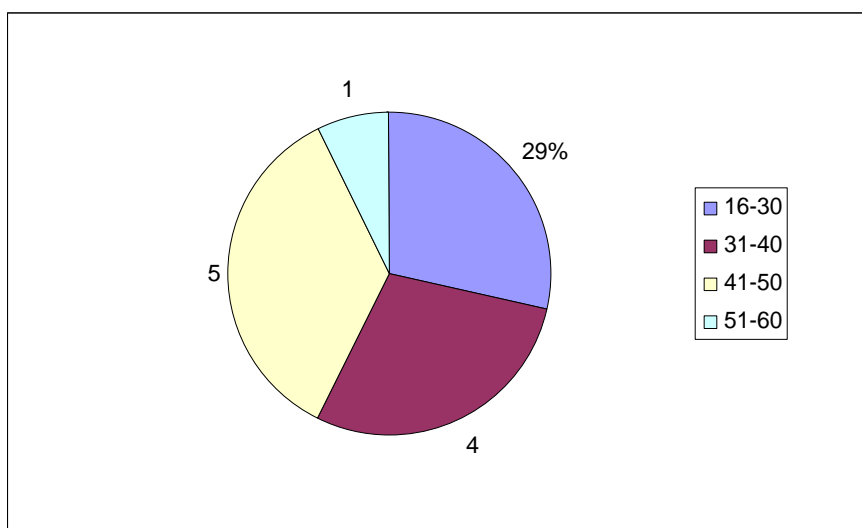


Figura 13 -Distribuição dos catadores por faixa etária

Quanto ao estado civil, todos são casados e quanto a escolaridade, os 14 catadores possuem apenas o ensino fundamental completo. A renda mensal situa-se para todos na faixa de 1 a 2 salários mínimos.

De todos os catadores, 10 possuem casa própria e 4 residem em casa alugada, sendo que 13 destes catadores residem no Poço 8 e apenas 1 reside em outro lugar.

Quanto ao número de pessoas que vivem em suas residências, 8 catadores têm em sua residência no dia-a-dia de 1 a 4 pessoas e 6 catadores têm entre 1 e 4 pessoas.

No que se refere ao número de filhos em idade escolar, 10 catadores revelaram ter de 1 a 2 filhos na escola. Dois catadores têm entre 3 e 5 filhos que freqüentam a escola e dois catadores não tinham filhos.

Quanto ao número de pessoas da família que provém o sustento 4 disseram ser em dois, o casal é quem trabalha para garantir a renda familiar. E 10 catadores revelaram que entre 3 e 5 pessoas da família trabalham fora procurando dar conta das necessidades familiares.

As maiorias dos catadores moram nas proximidades do lixão, sendo que 9 catadores levam até 15 minutos no deslocamento de sua casa até o trabalho e 5 catadores levam até 30 minutos para chegar no lixão.

Quanto a coleta de lixo, apenas 5 possuem coleta de lixo em suas residências e 9 não possuem.

Os 14 catadores disseram não possuir serviço de esgoto em suas residências. Já energia elétrica todos possuem.

A profissão dos catadores, antes da catação do lixo, era lavrador, como mostra a Figura 14.

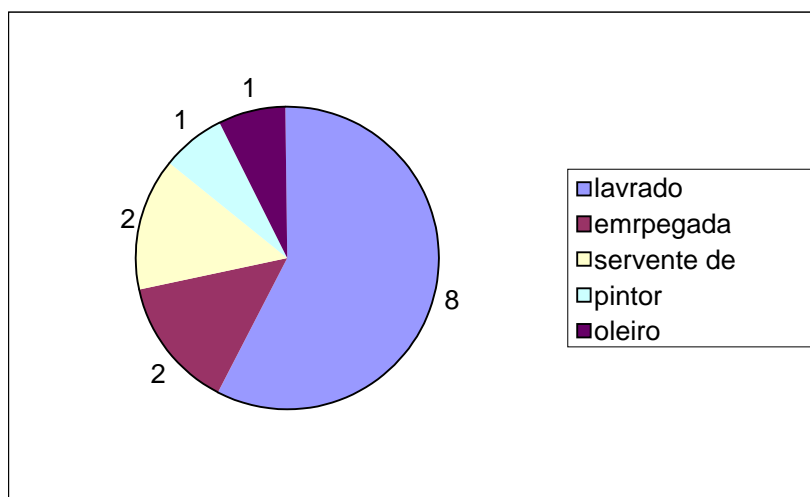


Figura 14 - Distribuição dos catadores em função da profissão que exerciam antes da catação de lixo

Pelas informações coletadas em entrevista, 11 catadores disseram trabalhar com a coleta de recicláveis porque precisa ou porque não tem outra opção. Apenas 3 responderam que gostam da atividade que exercem no lixão.

A maior parte dos catadores está nesta atividade entre 5 e 7 anos (42,80%), como mostra a Figura 15.

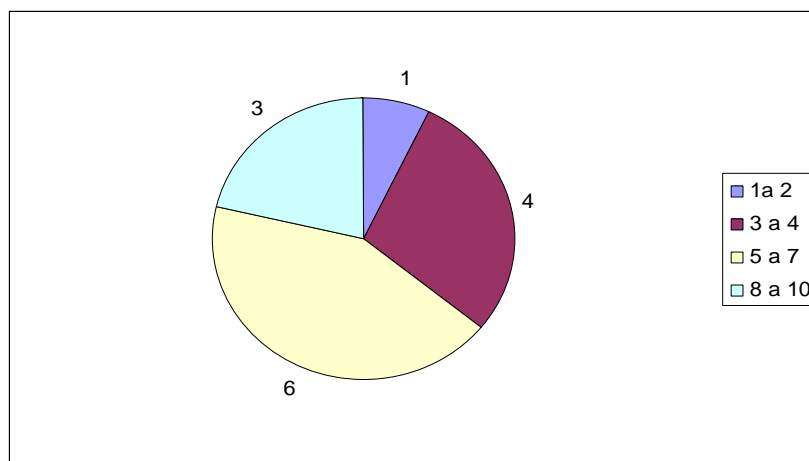


Figura 15 - Distribuição dos catadores em função do tempo de trabalho na catação

Quanto a dificuldade em realizar o trabalho de catação, a maioria deles (7) disseram ser para puxar os “bags”, 3 disseram que é difícil trabalhar sobre o lixo e 4 disseram que não tem nenhuma dificuldade.

Quanto aos eventuais riscos que correm ao efetuar a catação, 6 catadores disseram não correr nenhum risco, 5 disseram correr risco de se cortar em cacos de vidro, 1 catador revelou o risco de cortes e a exposição ao cheiro ruim e os outros 2 catadores disseram temer além dos cortes as espetadas de agulhas, já que o lixo de farmácias e hospitais vai para o lixão.

Perguntados se já tinham sofrido algum acidente ao fazer a catação 8 disseram que nunca sofreram qualquer acidente. E 6 catadores disseram já ter sofrido cortes e espetadas de agulhas nas mãos.

Quando perguntados se possuem algum problema de saúde, 13 responderam não sofrer de nenhum mal e 1 catadora disse ser portadora de hérnia.

Também se perguntou aos catadores se eles sabiam o que era uma cooperativa de catadores e apenas 5 catadores disseram saber do que se tratava. E 9 deles responderam não saber o que era uma cooperativa.

Os materiais que os catadores retiram do lixão são vidro, plástico mole e duro, latas de alumínio, cobre descascado e papelão.

Os catadores disseram coletar em média 150 kg de plástico (mole e duro) e cerca de 300 vidros semanalmente.

Quanto aos sucateiros que adquirem os recicláveis deste grupo de catadores, são apenas dois. O senhor Domingos vulgo “Lola”, que compra os plásticos. E o senhor Mota, que lhes compra alumínio, vidro, cobre e papelão.

Na época da entrevista o vidro era vendido por R\$ 0,10 centavos a unidade. As latas de alumínio eram comercializadas a R\$ 1,80 o Kg. Os plásticos moles a R\$ 0,20 centavos o Kg e o duro a R\$ 0,25 centavos o Kg. O cobre sem casca era vendido a R\$ 3,00 e o papelão a R\$ 0,20 centavos o Kg respectivamente.

No que diz respeito à saúde do catador do lixão em estudo, sabe-se que este pode se contaminar no contato direto com os resíduos sólidos ou por massas de água poluídas pelo lixo. Vale lembrar que os catadores do lixão a céu aberto de Içara, fazem seu trabalho sem nenhuma preocupação com a proteção ao manusear os resíduos sólidos, eles trabalham sem luvas e sem máscaras. No município de Içara estes trabalhadores trabalham a mais de 10 anos coletam o lixo, prestando serviço ao poder público e por extensão a comunidade Içarense, mas não é valorizado por ela.

Os 16 catadores do lixão de Içara têm uma espécie de pacto entre eles, no que se refere à catação, ou seja, eles iniciam a catação juntos, (um aguarda pelo outro) e cada um tem seu espaço para catação logo após a chegada dos caminhões da prefeitura. É vetado o direito de entrada de novos catadores no grupo.

Cada catador tem grandes sacos (chamados bags) para armazenar os recicláveis de segunda a sexta-feira, dia em que ocorre a comercialização dos mesmos. O comprador de recicláveis vem ao local da catação, faz a pesagem dos materiais e o pagamento aos catadores.

Os materiais coletados são especialmente os vidros, as latas de alumínio (geralmente raras no lixão - segundo os catadores elas são coletadas antes da chegada dos caminhões da prefeitura, pelos catadores que atuam nas ruas da cidade ou até mesmo pelos garis da prefeitura que trabalham no caminhão de coleta), as embalagens plásticas, as garrafas PET, as sacolas de supermercados e o ferro.

Os catadores entrevistados são em sua maioria semi-analfabetos. Dez deles tem o Ensino Fundamental incompleto e 4 são analfabetos. Os 14 trabalhadores do lixão que foram entrevistados, conseguem com seu trabalho uma renda mensal que varia entre 1 e 2 salários mínimos. A maioria das famílias dos catadores é composta de até 4 pessoas e 10 catadores tem casa própria. É verdade que são

residências bastante modestas, mas que livram estes trabalhadores de aluguéis, que diminuiria ainda mais a sua já minguada renda.

Com o intuito de entender e até mesmo comprovar que a catação é uma alternativa que se apresenta para os que tiveram menos oportunidades de acesso à escola, e a profissionalização é que ora se apresentam os dados referentes à profissão que os catadores exerciam antes de serem catadores. Cinquenta por cento dos quatorze catadores entrevistados, eram lavradores e ainda o são na época da colheita do fumo – de novembro a janeiro. Duas das seis catadoras do grupo trabalhavam como domésticas, dois, trabalhavam como pedreiro, um como motorista de ônibus, um era pintor e outro trabalhava em uma olaria. Os catadores mais antigos estão no grupo há 10 anos, outros há 7 anos, sendo que o mais novo membro entrou a cerca de 2 anos. A quase totalidade do grupo foi unânime ao responder que está exercendo esta função por necessidade e por não ter outra opção.

Quanto a aparente adaptação dos catadores ao ambiente feio e fétido do lixão, cabe ressaltar que apenas uma catadora revelou que o cheiro a incomodava, os outros 13 negaram qualquer incômodo ao trabalhar com o lixo.

No decorrer das entrevistas, procurou-se conhecer os sucateiros ou atravessadores desta cadeia da reciclagem. E os dois únicos compradores dos materiais coletados pelos catadores do lixão de Içara, são o senhor Mota e o senhor Domingos. Constatou-se ao visitar suas residências que são pessoas, com melhores condições de vida que os catadores, mas que também moram nas redondezas do lixão e suas residências são bastante modestas. O senhor Mota, inclusive armazena no próprio quintal de casa os materiais que compra dos catadores. O que se quer mencionar é que até onde esta pesquisa alcançou, não foi identificado com quem está o lucro. Evidentemente estes ganhos mais relevantes estão com as indústrias de reciclagem, sendo que o catador e o atravessador, no caso específico do município de Içara, estão apenas ganhando para sobreviver.

Um outro aspecto a ser pontuado é o fato dos moradores morarem nas redondezas do lixão. Ali os terrenos são mais baratos, portanto, mais fáceis de serem adquiridos. O seu deslocamento diário duas vezes por dia, com a chegada dos caminhões da prefeitura com o lixo, também é facilitado e diminui gastos com eventuais transportes. E ainda, outro fator relevante, é a proximidade do lixão à lavoura. Nos períodos de colheita alguns catadores largam a catação e vão

trabalhar na colheita, aumentando um pouco a renda familiar. Eles então estão em meio a duas alternativas, a colheita e a catação.

**CAPÍTULO II – ARTIGO (*Submetido a revista de Ciências Sociais da Unisinus*)**

**O CATADOR DE RESÍDUOS SÓLIDOS RECICLÁVEIS E A  
DESIGUALDADE SOCIAL**

**Sandra Regina Medeiros Romancini**

Graduada em Estudos Sociais; Especialização em História Local e Regional (UNESC); Mestre em Ciências Ambientais pela Universidade do Extremo sul Catarinense (UNESC).

End.:Laboratório de Resíduos Sólidos – Av. Universitária, 1105 – Bairro: Universitário Criciúma –SC-Cep 88.806-000 - Fone: 48-431-2535

E-mail: smromacini@yahoo.com.br

**Ednilson Viana**

Biólogo pela Universidade Estadual Paulista; Mestre em Ciências pela USP de São Carlos; Doutor em Hidráulica e Saneamento pela USP de São Carlos; Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da UNESC.

e-mail: edv@unesc.net

**Teresinha Maria Gonçalves**

Mestre em Psicologia Social pela PUC de São Paulo; Doutora em Meio Ambiente e Desenvolvimento Urbano pela Universidade Federal do Paraná. Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da UNESC.



## RESUMO

Este artigo discute a exclusão/inclusão ou a inclusão desigual do catador de resíduos sólidos recicláveis na sociedade atual, a partir de pesquisa junto ao lixão a céu aberto em Içara/SC. Procura-se indagar também a respeito da invisibilidade do catador de resíduos recicláveis junto à sociedade, mesmo admitindo-se, a importância de seu trabalho para a limpeza urbana, bem como a legitimação que estes trabalhadores empreendem aos valores da sociedade moderna à medida que enfrentam barreiras significativas para se integrarem a sociedade pelo trabalho. A produção de resíduos sólidos urbanos em níveis nunca vistos é discutida, por ser o objeto de trabalho do catador, e também por se constituir em contradição na modernidade, já que se apresenta como problema sócio-ambiental grave que carece de soluções em curto prazo.

**Palavras-chaves:** exclusão/inclusão; catador; resíduos sólidos; reciclagem; lixão a céu aberto.

## **Catcher of Solid Waste Recycled and the Social Inequality**

### **ABSTRACT**

This article discusses the exclusion/inclusion or the unequal inclusion of the catcher of solid waste you recycled in the current society, starting from research close to the dump in Içara/SC. We are looking forward to investigate also regarding the invisibility of the catcher of residues you recycled along with the society, even admitting the importance of your work for the urban cleaning, as well as legitimation that these workers undertake to the values of the modern society the measure that you face significant barriers for if they integrate the society for the work. The production of urban solid waste in levels never seen it is discussed, for being the object of work of the catcher, and also constituting in contradiccion in modernety, since it comes as serious partner-environmental problem, that lacks of short term solutions.

**Key-words:** exclusion/inclusion; catcher; solid waste; recycling; dump.

## INTRODUÇÃO

O lixo nos últimos anos vem se tornando um problema seriíssimo do ponto de vista sanitário, ambiental, econômico e social. É muito lixo sendo produzido e não se sabe mais onde colocá-lo, principalmente nos grandes centros. Os aterros sanitários estão se esgotando rapidamente e está cada vez mais difícil encontrar áreas adequadas próximas dos centros urbanos.

Essa grande quantidade de lixo precisa ser acondicionada, coletada, transportada, tratada e /ou disposta de forma adequada para causar o menor dano possível ao ambiente e ao homem. Este é mais um dos paradoxos da sociedade moderna, isto é, criar formas adequadas para destinar seus rejeitos.

Atualmente o método mais utilizado pela maioria dos municípios brasileiros para a disposição de resíduos sólidos é o lixão. O lixão, segundo Jardim (2001), é a disposição final de resíduos sólidos sobre o solo, de qualquer forma, sem medidas de proteção ao meio ambiente e a saúde pública. Isto porque, quando o lixo é disposto a céu aberto, ele se torna um bom “meio de cultura” para diversos tipos de animais que para lá se dirigem em busca de alimento, atraídos pela farta quantidade de orgânicos. Assim, ocorre a proliferação de ratos, baratas, mosquitos e outros vetores de doença ao homem.

Pode-se dizer ainda que um lixão é um lugar onde é permitido se colocar o que quiser, pois ali não há qualquer tipo de controle do que entra e nem de quem faz o depósito, pois não há guarita, guarda ou qualquer outra forma de fiscalização. Tal fato indica então, que o lixão pode conter não só lixo domiciliar, como também hospitalares, odontológicos, veterinários e ainda resíduos industriais, que podem oferecer perigo tanto ao homem quanto à natureza.

O lixão, onde se encontram os catadores, objeto deste estudo, localiza-se no município de Içara. Içara por sua vez situa-se no litoral Sul de Santa Catarina e faz parte da chamada Associação dos Municípios da Região Carbonífera (AMREC). Ele é um prolongamento da localidade de Primeira Linha, fundada em 1919, por famílias italianas proveniente de Urussanga.

No começo da década de 20, Içara “ganha” a Estrada de Ferro D. Tereza Cristina, para servir de via de transporte para o carvão cedido ao Visconde de Barbacena, diplomata baiano interessado na exploração do carvão do sul da Província de Santa Catarina.

O município hoje tem uma população de aproximadamente 52.000 habitantes e a sua principal atividade econômica é a indústria, com destaque para a indústria de plásticos.

O lixão de Içara está situado acerca de 1 km da BR 101, num terreno que no passado não muito distante servia para a exploração de carvão, isto é, é um antigo poço de mina, daí o nome da localidade ser Poço 8. Este lixão recebe aproximadamente 35 toneladas de lixo diárias no inverno e pode triplicar no verão, porque Içara possui um balneário para onde se dirige principalmente a população da cidade de Criciúma, vizinha a Içara.

No referido lixão, o lixo é despejado diariamente pelos caminhões de coleta da prefeitura no período matutino.

Existe em meio ao terreno onde está situado o lixão, uma estrada por onde passam os caminhões que vão fazer o despejo dos resíduos. Os catadores, neste momento já estão de prontidão para dar início a catação.

O lixão contém também certa quantidade de água superficial, que se mistura ao chorume – líquido de cor escura, resultante da putrefação dos orgânicos

Animais como urubus, frangos d'água, cães, além de ratos e baratas são freqüentemente encontrados no lixão. Os materiais recicláveis são catados e acondicionados em grandes sacos para a comercialização que ocorre às sextas-feiras. O que não é aproveitado fica jogado ao longo do terreno.

Içara, como todo centro urbano, pode ser considerado um microcosmo que reproduz as relações de desigualdades sociais tão comuns na sociedade. Prova disso são os 16 catadores de recicláveis que tem como função principal a catação como forma de garantir a sua sobrevivência e de sua família.

O catador de resíduos sólidos recicláveis é um ator social novo, que tem despertado o interesse da academia e da mídia. Isso porque este ator está envolvido em dois problemas criados diretamente pela sociedade moderna e que por ela precisam ser enfrentados: a desigualdade social e a produção exacerbada de "lixo".

### **a) Desigualdade Social**

A desigualdade social, tão comum na sociedade atual e tão gritante na sociedade brasileira, se constitui num fator inevitável à sociedade capitalista. Afinal, não se faz acúmulo de riquezas sem a exploração e concentração de renda, e

ambos, são geradores de desigualdades sociais. Portanto, as desigualdades sociais são previsíveis, inevitáveis e necessárias para que o capitalismo se efetive.

Um dos grandes colaboradores da sociedade de mercado, no sentido da viabilização do lucro e, portanto, de desigualdades sociais ao longo dos tempos, é o emprego. É através dele que os trabalhadores impulsionam o mercado através da prestação de serviços e fabricação de produtos destinados a atender a demanda da sociedade de consumo. Os produtos devem aqui ser entendidos não apenas como bens materiais, pois a sociedade moderna comercializa “tudo”, tanto materiais quanto não materiais (etéreos): por exemplo, corpos transformam-se em mercadorias, pois dependendo de sua genética podem ser vendidos como protótipos de beleza; sonhos tornam-se mercadorias vendidas através da mídia (telenovelas, cinema etc) e assim por diante. Estas características são parte da chamada sociedade moderna.

Aqui se usa o termo sociedade moderna não apenas com a conotação de algo moderno, isto é, pós Idade Média cuja origem remonta ao Renascimento, mas, sobretudo como uma cultura que afetou todas as formas de existência do homem europeu e por decorrência a existência de toda a ocidentalidade. Nos dizeres de Guest (2004), o homem europeu funda aí – por oposição ao homem e ao homem medieval – as suas formas de vida próprias, numa nova partilha da referência à tradição. Essa partilha para o autor, torna-se possível graças à constituição de uma memória histórica, filológica e hermenêutica e a referência ao progresso que tornam possível o desenvolvimento das ciências e das técnicas. Ciência e técnica permitiram a evolução acelerada do movimento das forças produtivas a serviço de um domínio sem precedentes dos processos naturais.

Touraine (2002), descreve a modernidade como uma revolução do homem esclarecido contra a tradição, a sacralização da sociedade, a submissão à lei natural da razão. Para ele a modernização, na sua aceitação ocidental, é obra da própria razão e portanto, acima de tudo, da ciência, da tecnologia e da educação.

Seguindo o raciocínio de Touraine (2002), a modernidade precisou construir a cultura do individualismo e da ética da indiferença, para garantir a efetivação de negócios lucrativos. No entanto, o afastamento entre as pessoas gerou no homem moderno, segundo Sennett (2003), uma crise tátil. Isto levou ao isolamento, sendo que mesmo os sonhos precisam ser experienciados de modo virtual, daí o importante papel do mundo dos sonhos criado numa tentativa de aplacar a solidão humana. Estes são apenas alguns dos exemplos que mostram que esta sociedade,

além de criar a necessidade de consumo, ao mesmo tempo oferece os produtos para satisfazer estas necessidades. Assim, na sociedade moderna, tudo tem um preço e para que a idéia da produção e do consumo se efetive sempre, ela própria tem que criar as suas necessidades e o modo de satisfazê-las. Estas são condições para que ela possa garantir o seu funcionamento.

Porém, apesar dos trabalhadores terem papel fundamental para garantir que se concretizem os anseios e necessidades da sociedade moderna, eles ao mesmo tempo, podem ser descartados como trabalhadores em função de diversos fatores. A modernização tecnológica constitui um destes fatores, provocando a extinção de determinadas funções como a secretária, o datilógrafo, a telefonista etc. Aqui, a máquina tem substituído o homem em funções anteriormente executadas por estes.

Em uma análise simples, mas bastante clara das vantagens dos empresários ao substituir homens por máquinas, está o fato de que máquinas não adoecem, não engravidam, não necessitam de vínculos empregatícios nem de garantias quanto aos direitos trabalhistas previsto em lei – férias, décimo terceiro salário, aposentadoria.

Este novo contexto desenhado pela modernidade na questão do emprego afeta diretamente o trabalhador que depende quase exclusivamente da venda de sua mão-de-obra para a garantia de sua sobrevivência. Os pobres, os trabalhadores, os desempregados de um modo geral, são, portanto, em um primeiro momento, os mais penalizados, pois acabam vítimas da “exclusão” do emprego, sendo arrastados à informalidade.

É especialmente deste tipo de exclusão – a do emprego – e com estes atores sociais – vítimas da informalidade – que este trabalho se ocupa, por entender que a exclusão do emprego contribui decisivamente para a desigualdade social.

Santos (2001), enfatiza a contradição capitalista presente no enfoque da desigualdade, já que burgueses e proletários, mesmo inseridos na esfera produtiva - ambos estão integrados no sistema referencial, mas ao mesmo tempo se tornam adversários por terem interesses opostos. A relação entre estes dois atores sociais é de confronto. Seguindo no mesmo raciocínio de Santos (2001), pode-se afirmar que estar incluído é estar dentro, no sistema, mas desigualmente.

Ainda na tentativa de se explorar os vários enfoques da exclusão do emprego como uma das formas geradoras de desigualdade social, Castel (1995), afirma que a vulnerabilidade dos pobres, dos trabalhadores, dos desempregados se expressa

não só na exclusão do emprego, mas também na precarização das relações contratuais e pelas perversas formas de sociabilidade.

Castel (1995), afirma também que o processo de exclusão passa pelo “desmonte” do Estado Social ou do chamado Estado do Bem Estar Social. Daí o autor preferir usar o termo desafiliação.

Desafiliados, segundo Carreteiro (2001), na maior parte das sociedades ditas modernas, é não estar integrado a dois eixos: trabalho e proteção social, mecanismos criados pelo Estado, para garantir a participação concreta dos indivíduos na vida coletiva.

Em países industrializados a proteção social do Estado é garantida mesmo na eventual ausência de trabalho. No Brasil, porém, trabalho e proteção social estão estritamente articulados. Isto é, a maioria efetiva de direitos sociais vincula-se à condição de trabalhador. E como os catadores, foco deste estudo, estão à margem da sociedade do trabalho, fatalmente estão à margem dos direitos sociais que deveriam ser garantidos pelo Estado. Estes são, portanto, “desafiliados”.

Os catadores são excluídos do emprego, portanto, não têm vínculo empregatício, o que lhes impede de participar das benesses de dimensões institucionais como educação, saúde. Eles são, portanto, desafiliados e vítimas das perversidades da sociedade que os rotula e discrimina.

O lixão a céu aberto de Içara contempla um grupo de 16 catadores de recicláveis, dos quais, 14 participaram do estudo. São seis mulheres e oito homens, cujo grau de escolaridade é primeiro grau incompleto e a renda mensal está entre um e dois salários mínimos.

Os catadores de Içara/SC, são autônomos, mas trabalham sobre o lixo diante de condições degradantes, em meio ao lixo que exala odores, em meio a urubus, cães, moscas e ratos. Ali catam os recicláveis sem luvas de proteção. Como não existem esteiras, eles trabalham diretamente sobre o lixo.

No lixão há todo o tipo de resíduos sólidos urbanos, constituindo-se em um cenário de riscos à saúde, já sacrificada pelos grandes esforços para carregar os chamados “bags”<sup>2</sup> até o ponto de venda. É trabalhando neste cenário, remexendo lixo que contém inclusive resíduos de serviço de saúde, que estes trabalhadores se esforçam para angariar um salário mínimo para o sustento de si e de seus

---

<sup>2</sup> Bags: grandes sacolas onde são armazenados os recicláveis já coletados do lixão.

familiares, pois todos os trabalhadores do lixão de Içara são casados e possuem filhos e cada família é composta em média por quatro pessoas.

Apesar de todos os aspectos negativos que a função de catar o lixo traz em seu bojo (risco de doenças, más condições de trabalho, discriminação social), o trabalho do catador encerra em si uma utilidade e necessidade de grande importância, já que desafoga os aterros sanitários, reduz os impactos ambientais no lixão e diminui o custo da coleta do lixo. Sabe-se que os municípios brasileiros, de um modo geral, têm enormes dificuldades para encontrar áreas propícias à disposição dos resíduos sólidos e por isso, quanto menos lixo for “enterrado”, mais o meio ambiente e a sociedade são beneficiados.

Mesmo fazendo uso do termo exclusão social, para contextualizar a ação dos catadores e sua posição na sociedade, faz-se necessário uma breve discussão sobre o perigo do uso de tal termo para explicar, ou justificar a miséria de que é vítima grande parcela da população mundial.

Martins (1997), chama a atenção para o uso do rótulo de exclusão social para responder a todas as questões sociais vividas atualmente, porque se corre o risco da “coisificação” e “fetichização” do conceito, pois este pode se referir menos à expressão de uma prática e mais a indução a uma prática, já que os “desiguais” gerados pela exclusão, no caso em referência ao emprego, se faz necessária à sociedade capitalista moderna.

Portanto, parece que se pode falar mais em uma política de inclusão marginal, do que em exclusão. Ou seja, há a necessidade de se incluir pessoas, mesmo que de forma desigual, nos processos econômicos, na produção e na circulação de bens e serviços, apenas e estritamente em termos daquilo que racionalmente é conveniente e necessário à reprodução do capital. Deste modo, a exclusão pode ser considerada como um rótulo. Aqui, os catadores, vistos pelo prisma econômico, de alguma forma, em alguma instância são consumidores. Portanto, estão dentro da ciranda da produção e do consumo, estando incluídos, mas de forma desigual.

O rótulo da exclusão serve então, segundo Martins (1997), duplamente as elites dominantes. Por um lado à desigualdade social produz e reproduz as relações marginais, por outro lado cria um universo ideológico no imaginário da sociedade de consumo. O exemplo citado por Martins (1997) é o de que através do mesmo toque no botão da televisão, o favelado e o milionário, simultaneamente, transportam-se ao mesmo mundo fantasioso, e neste instante, ambos, compartilham de certa unificação ideológica, apesar de sua desigualdade material



infinita. Mas é inegável, que naquele momento os dois estão lado a lado, parecendo pertencer ao mesmo mundo – o do consumo – por terem diante de si as mesmas mercadorias, as mesmas idéias individualistas e competitivas.

Não se pode perder de vista, no entanto, que as oportunidades tanto de acesso às mercadorias quanto às de qualificação profissional são diferentes. Apesar disso, um bloco de idéias falso, enganador e mercantilizado acena para o homem moderno colonizado, que passa a imitar os ricos e a pensar que nisto reside a igualdade (Morin, 1969).

Com base na discussão acima, o que aparentemente parece contradição, (exclusão – desigualdade social) revela-se como mais um instrumento ideológico de reprodução da velha estrutura social estratificada, extremamente eficiente para a perpetuação da mesma.

Marx (1991), em seus estudos já chamava a atenção para a contraditoriedade da sociedade moderna. Segundo Marx (1991), em nossos dias, tudo parece estar impregnado de seu contrário. O grande desenvolvimento tecnológico, que a priori, deveria estar a serviço da humanidade como um todo, está a serviço, ou ao alcance de uma minoria que por ela pode pagar. As mais avançadas fontes de saúde, também não estão para servir a quem precisa, mas a uma minoria que a ela tem acesso. Isto tudo porque alguns precisam lucrar, acumular.

Mas apesar do discurso ideológico de que é apenas através do crescimento econômico, conseguido pelo desenvolvimento tecnológico, que a humanidade, como um todo irá beneficiar-se, sabe-se que a maioria da população, sobretudo nos chamados países em desenvolvimento, ainda não atingiu se quer direitos básicos, como: saúde, alimentação, moradia e educação e emprego, o que constitui claramente a desigualdade social.

É esta sociedade desigual, produzida aparentemente na contradição, que favorece a emersão de pessoas de seu interior sem qualquer qualificação profissional, semi-analfabetas, e que por esta razão sujeitam-se em trabalhar na informalidade e sem condições adequadas de efetuar o seu trabalho. Trata-se aqui da não valorização econômica e conseqüentemente da falta de status que algumas funções, mesmo essenciais, como é o caso da catação de resíduos sólidos, enfrentam.

O catador de resíduos sólidos recicláveis é fruto desta sociedade ambígua e contraditória. Ele é fruto das desigualdades sociais e carece de direitos elementares como: oportunidade de escolarização, de qualificação profissional, condições

básicas de saneamento, oportunidades profissionais, dentre outras. Esta realidade é retratada nos catadores do lixão de Içara/SC, onde 10 dos 14 que foram consultados revelaram em entrevista que possuem apenas o primeiro grau incompleto, e quatro deles disseram ser analfabetos. Isto demonstra o baixo nível de qualificação a que estão submetidos estes trabalhadores.

Quanto à qualificação profissional mais elaborada, se pode afirmar que o analfabetismo foi um dos grandes adversários dos catadores do lixão de Içara. Do universo de catadores entrevistados sete deles exercia a função de agricultores anteriormente a catação. Registre-se aqui que o lixão situa-se em meio à zona rural, nas proximidades do chamado Rio dos Porcos, região que ainda hoje é amplamente utilizada para a agricultura de arroz, milho, feijão e fumo. O fato de trabalharem na roça antes de serem catadores, revela a sua falta de oportunidade no sentido da sua preparação para um mercado de trabalho mais elaborado. Além disso, o que levou os catadores para trabalharem com o lixo foi à instalação de um lixão a céu aberto nas proximidades de suas residências, associado a sazonalidade da produção agrícola e a falta de oportunidades no mercado de trabalho.

O catador de recicláveis desfruta de um “status negativo<sup>3</sup>” na sociedade, é visto como não capacitado, como se a capacitação ocorresse exclusivamente “por sua conta e obra”. Pode-se falar então de uma estratégia de culpabilização, amplamente utilizada pela sociedade moderna – as pessoas são individualmente responsabilizadas, por uma situação econômica adversa e injusta – no sentido de criar na sociedade em geral a idéia de que sucesso e fracasso são estritamente de responsabilidade da esfera individual. É o que Farr (1991) in Sawaia, (1995), chama de “individualismo como representação coletiva”. Para ele, é justamente esta representação que gera como conseqüência, entre muitas outras, a atribuição do sucesso e do fracasso exclusivamente às pessoas.

Dentro da lógica da sociedade moderna, que exige a formação e capacitação constante para a garantia de colocação no mercado de trabalho, ele (o catador), menos “capacitado” (analfabeto) e com uma auto-estima extremamente fragilizada, acaba tornando-se o único responsável por seu estado de miséria, tende naturalmente a trabalhar em meio ao lixo – orgânicos e inorgânicos- em meio ao forte odor e diante de um visual “degradante”.

É neste contexto de desamparo que aparece a catação, como salvação da miséria, como uma maneira possível do catador conseguir emprego e renda para o

---

<sup>3</sup> Status negativo – é discriminado em função de seu ofício

seu sustento e de sua família. Porém, mesmo esforçando-se, mesmo enfrentando os riscos que sua função implica – doenças de pele, acidentes com vidros, perfurocortantes, dentre outros, o catador tem ainda que enfrentar a discriminação, o estigma que o impede de ser visibilizado pela sociedade que o produz, bem como de reconhecer a si mesmo como cidadão, afinal quem quer ser identificado com algo em que pese o estigma da sujeira (lixo) e da pobreza? A esta pergunta, cabe uma indagação sobre em que contexto surge à idéia de associação da sujeira aos pobres.

No Brasil, as epidemias do final do século XIX, provocaram especialmente em São Paulo e Rio de Janeiro, uma espécie de perseguição aos cortiços e seus moradores. Isto porque, todos os males que a sociedade carioca e paulista enfrentava naquele momento eram delegados aos pobres, pois segundo a crença dos médicos higienistas, era a casa imunda, o cortiço, e a favela, (lugar de moradia dos pobres) o foco de onde se originavam os surtos epidêmicos.

À medida que as epidemias se alastravam e ameaçavam as elites – não há fronteiras para vírus e bactérias – estas empreenderam uma verdadeira perseguição aos pobres, uma vez que, a miséria se torna o novo veículo de contágio. É com esta justificativa que os discursos dos médicos sanitaristas se voltam contra os pobres. Afinal, eram eles os responsáveis pela transmissão das doenças devido à sujeira de suas moradias (Rago, 2000), reproduz a fala dos higienistas do século XIX: “na habitação popular os indivíduos se amontoam assim como o lixo”. Estava aí firmado o estigma da sujeira aos pobres.

Os catadores de recicláveis entrevistados neste trabalho, parecem ter assimilado o estigma que os cerca. Demonstram constrangimento ao falar de sua profissão e de si mesmos. Eles baixam os olhos ao responderem as perguntas. Tem uma postura de negação dos inconvenientes de sua profissão. Negam incômodos óbvios como o mau cheiro, o visual degradante de lixo amontoado e de águas superficiais escurecidas e mal cheirosas pela decomposição dos resíduos orgânicos. Negam qualquer possibilidade de acidentes. Apenas uma catadora admitiu já ter se cortado durante o trabalho. Dizem estar satisfeitos com sua função e que os riscos que correm ali no lixão é equivalente aos riscos que qualquer trabalhador corre em outra profissão qualquer.

Um dos catadores afirma: “corro menos perigo aqui do que na BR 101”. Parece que o estigma da pobreza, da sujeira, da exclusão e da desigualdade social, tem sido usado no discurso corrente com muita eficiência no que tange ao

convencimento dos catadores, de que eles têm pouco ou nenhum valor para a sociedade. Afinal, como manter auto-estima num ambiente e numa vida tão degradada?

Um dos catadores em uma conversa com a pesquisadora deixou transparecer pela postura que demonstrou frente a um problema de saúde que o afeta, a limitação de seu direito a um médico oftalmologista. Ao ser indagado sobre um problema em seu olho esquerdo, que vertia secreção purulenta, ele respondeu:

“Isto aqui eu tenho desde menino. O meu irmão furou meu olho”.

Pergunta a pesquisadora: “o senhor foi ao médico?” “Não senhora. Como vou ao médico? É longe... E depois para resolver um problema deste vão me pedir pra mais de dez mil reais, e isso eu nunca vou ter”.

O desamparo deste cidadão e o aparente conformismo com a sua situação são chocantes. Ciente da dificuldade de conseguir junto aos órgãos de saúde do município um encaminhamento para o especialista, o catador parece resignado, desiste de antemão de tentar cuidar de si mesmo. Os catadores do lixão de Içara, aliás, demonstram ausência absoluta de qualquer iniciativa de reivindicação individual ou enquanto grupo.

O sofrimento gerado pela situação social de ser tratado como inferior ou devido à circunstância restritiva em que vive, fez com que o catador em referência agisse com a displicência acima relatada, quando se referiu ao cuidado com sua saúde.

Dentre as contradições inerentes à modernidade capitalista, já aventadas neste trabalho, ainda há mais uma que carece questionamento. É a negação que esta sociedade insiste em praticar com os pobres por ela produzidos, dos quais faz parte o catador.

O catador é um ator social que mesmo sendo fruto da sociedade moderna e mesmo trabalhando com o lixo produzido por ela, por ela é negado. O ator social que tem se dedicado nos últimos tempos em catar os “restos” dos mais favorecidos, como forma de sobrevivência, precisa ser negado, invisibilizado, pela sociedade. Afinal, ele é uma prova concreta de que algo está “errado”. Mas é preciso que se reconheça que, se de um lado, o catador precisa ser negado, por outro se sabe que segundo o projeto neoliberal estes atores e seu ofício são necessários e eficientes, no sentido da reprodução e perpetuação da sociedade, nos moldes a que ela se propõe.

No caminho de explicar algumas contradições da sociedade moderna, não se pode deixar de explorar também, a contraditoriedade da matéria-prima do catador – os recicláveis, o lixo. Se por um lado os resíduos sólidos são imprescindíveis à sociedade de consumo – pois são os restos do consumo fundamentais para a sociedade do ter – de outro se constituem como um grande problema ambiental a ser resolvido com certa urgência em todo o mundo.

Afinal o que fazer com o lixo de difícil decomposição na natureza? O que fazer quanto à séria ameaça de escassez e mesmo de esgotamento dos recursos naturais?

## **b) Produção Exacerbada de Resíduos Sólidos**

O mais inerente a qualquer atividade dos homens é a produção de resíduos. “Ao se alimentarem, ao construírem suas habitações, os resíduos estão presentes” (Eigenheer, 1993 in Oliveira, 2002). A variação na qualidade e quantidade destes resíduos é influenciada principalmente pelo aspecto cultural de um povo.

A cultura, por sua vez, exerce outras influências como a sensação de dominação sobre tudo que existe, direcionando as necessidades humanas. Neste sentido a cultura ocidental moderna é uma grande produtora de falsas necessidades, incentivadora do consumo sob qualquer pretexto e adotou simplesmente toda a Terra como seu habitat, dando-se o direito a efetuar uma verdadeira depredação do planeta em nome do progresso.

Esta idéia de progresso que permeia a sociedade moderna desencadeou um controle sobre a natureza nunca visto anteriormente. O filósofo norte-americano Berman (2000), contribui com seu pensar sobre o que é ser moderno na atualidade e diz: “ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor, mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos”.

Nesta linha de raciocínio, parece que tudo – objetos materiais, relações e valores, precisam estar em constante mudança, tudo é efêmero. E por que tudo precisa estar em constante mudança na sociedade moderna?

Há fortes indícios de que a resposta esteja no fato de a sociedade moderna ter a sua lógica voltada à produção e o consumo de bens. Portanto, tudo que é criado/construído, precisa sempre ser recriado, reconstruído, na ânsia de seduzir o

consumidor para que seja efetuada ou viabilizada a troca, o comércio. Parece que para viabilizar as transações comerciais geradoras do lucro, tudo é permitido, tanto que tudo que a sociedade burguesa constrói, é construído para ser posto abaixo. Neste sentido acrescenta Berman (2000):

Tudo o que é sólido – das roupas sobre os nossos corpos aos teares e fábricas que as tecem, aos homens e mulheres que operam as máquinas, às casas e aos bairros onde vivem os trabalhadores, às firmas e corporações que os exploram, às vilas e cidades, regiões inteiras e até mesmo nações, que as envolvem – tudo isso é feito para ser desfeito, despedaçado ou esfarrapado, pulverizado ou dissolvido, para que possa ser substituído na semana seguinte e todo o processo possa seguir adiante, sempre adiante, talvez para sempre, sob formas cada vez mais lucrativas.

Dentro da lógica da autodestruição inovadora, que é o cerne da sociedade moderna, a produção do lixo aparece como uma consequência “natural”, como fato óbvio e necessário. Afinal, tudo que é destruído gera resíduos e estes precisam ser colocados em algum lugar no espaço.

O lixo, na perspectiva acima, é o resultado das necessidades do homem e, portanto, pode ser diferente, dependendo de quem o produz – os tipos, as quantidades de lixo produzidas, podem ser diferentes de acordo com a sociedade que o produz, e acrescenta Zacarias (2000): “o lixo é aquilo que os geradores consideram como inúteis, indesejáveis ou descartáveis”. Daí a necessidade de considerar-se a cultura, a visão de mundo, pois o que para um não serve mais, é descartável, para o outro pode ser de grande valia.

Cabe ressaltar a considerável influência que os Estados Unidos da América exercem sobre a sociedade atual. Portanto, se está sob a influência do “American Way of life”, e o referido modo de vida recomendado para que estes grandes produtores de mercadorias – objetos materiais, e mesmo sonhos – efetuem os seus empreendimentos lucrativos, é um grande produtor de resíduos sólidos. A sociedade moderna e o modo de vida insistentemente trabalhado por ela, lançam mão de um infindável cabedal de estratégias, para que o seu modo de vida impere em todas as sociedades ocidentais e atualmente com forte tendência a efetivar-se também nas sociedades orientais.

A mídia tem sido um dos mais eficientes instrumentos, se não o mais utilizado pela sociedade moderna como aliado na sua empreitada rumo a conquista de mercados consumidores. A mídia trabalha no sentido de seduzir o consumidor, de despertar necessidades materiais infinitas em suas mentes e corações, inclusive com a promessa de felicidade via consumo.

Pontua-se aqui a importância de uma das estratégias de venda que apresenta resultados bastante significativos: as embalagens. Estas como o próprio nome sugere, embala, encanta, envolve os produtos, produzindo nas pessoas o desejo de aquisição dos mesmos. Estimuladas pelo sentido da visão, as pessoas consomem na ânsia de alcançarem a felicidade que parece acompanhar os produtos. Seduzidas, as pessoas lançam-se pelas veredas do consumo, sem tempo para pensar em questões colocadas pela modernidade como “menores” – problemas ambientais, humanos, éticos etc.

Toda a energia humana (ricos, remediados ou pobres), parece estar canalizada para a aquisição de bens materiais. Neste sentido obviamente se precisa reconhecer a competência da sociedade de mercado. Tal competência pode ser visualizada nos lixões a céu aberto que “pipocam” pela maioria dos municípios brasileiros. Os lixões são utilizados como depósitos para todos os tipos de resíduos, ou seja, lixos orgânicos e, sobretudo o lixo seco, composto pelas mencionadas embalagens de papel, plástico, papelão, vidro, entre outros.

Nos lixões e mesmo nos aterros sanitários, estão os fragmentos dos desejos humanos, que agora se configuram mais como um problema, do que como qualquer solução prometida aos consumidores, via campanhas de marketing.

Se sob a ótica da eficiência da sociedade de mercado em produzir sempre mais e mais, não há o que se questionar, pois ela tem traçado e efetivado a sua lógica com muita habilidade, já quanto a sua ética, esta sociedade parece carecer de questionamentos. Em nome do perseguido lucro, a ética da modernidade se transforma brutalmente, de forma que se aceita quase que passivamente situações que deveriam chocar pelas próprias conseqüências que trazem a universalidade de toda a sociedade.

O que parece não ter sido considerado, no entanto, é o que fazer com as sobras (resíduos) do que é destruído. Incluem-se aqui objetos materiais e seres humanos. Isto porque, podemos aqui fazer referência ao catador também como uma sobra, algo que a sociedade não sabe o que fazer.

Mas por que a referência ao catador como sobra? Porque eles são pessoas, que mesmo fazendo parte da sociedade moderna, mesmo legitimando os valores que esta impõe, estão situadas enquanto consumidores de forma periférica. Isto é, não conseguem de todo consumir as benesses da modernidade, não conseguem de todo participar de determinados direitos como: educação, moradia, emprego, saneamento básico.

Daí os catadores de resíduos recicláveis do lixão a céu aberto de Içara/SC, se enquadrarem perfeitamente nos dizeres de Assmann (1994): “na atual conjuntura, o fato maior é, sem dúvida, o cruel predomínio de uma férrea exclusão, o clima de indiferença anti-solidária que a sustenta e, em decorrência o fato de que uma imensa “massa sobranete” de seres humanos descartáveis tenha passado a viver como lixo da história”.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho pretende contribuir para a discussão de um dos muitos paradoxos da sociedade moderna, que é, avaliar porque os resíduos sólidos e os catadores, ambos emergentes da forma como se estrutura a sociedade moderna, por ela são negados. Averiguar em que medida estes dois componentes da teia social moderna aparecem como uma ameaça aos valores predominantes, ao mesmo tempo em que se constituem em parte fundamental da engrenagem da sociedade da produção e do consumo.

Quanto ao catador de resíduos sólidos recicláveis, se pode dizer que é um excluído – do emprego formal, do acesso a educação, saúde etc., disfarçado em incluído, à medida que partilha de determinados valores com os mais abastados, apesar da desigual possibilidade de acesso aos bens de consumo que a sociedade dispõe.

A negação do catador passa pela denúncia que este ator social, por sua simples presença, faz das falhas ou contradições geradas por um sistema que de um lado gera muita riqueza para uma minoria e por outro impede uma grande maioria ao redor de todo o planeta da condição de desfrutar da riqueza produzida. Isto é, o catador é a prova concreta, visível, de que algo está “errado”. Ele denuncia a injustiça econômica e a má distribuição de renda, daí a repulsa a ele.

Obviamente as estratégias, as quais a sociedade moderna pautada nos valores do liberalismo econômico lança mão para justificar a “contradição” da exclusão/inclusão não podem ser desprezadas. Uma delas, a competitividade, se mostra extremamente eficaz à medida que faz girar o motor da produção – bens materiais e etéreos (a venda de sonhos pela via do cinema, por exemplo) – e ao mesmo tempo justifica as diferenças e ainda joga a responsabilidade dos maus sucedidos a eles mesmos. Talvez isto em grande parte explique a postura do catador, no que se refere a aparente resignação diante dos problemas que enfrenta em seu ofício.

Os catadores são uma classe que a sociedade finge que não vê. Isto porque ele “envergonha” de alguma maneira a própria sociedade que o criou. E ainda ele próprio finge que não existe, por também se envergonhar de si mesmo. Afinal, quem quer ser identificado com aquele que trabalha com o resto, com a sujeira? Quem quer ser identificado com uma função desvalorizada pela sociedade?

Sob determinada ótica, em função do estigma da pobreza, da negação de si mesmos e pela culpabilização que a sociedade impõe aos pobres, no sentido de serem eles mesmos os únicos responsáveis por sua condição, se poderia pensar que estes cidadãos estão totalmente resignados. Cabe, no entanto, ressaltar que apesar de todas as dificuldades vividas por este grupo de catadores – tanto em nível material, quanto nas fragilidades subjetivas (problemas relacionados a auto-estima) – é fato que eles resistem, a sua maneira ao processo de exclusão/inclusão, a que estão submetidos. Ao insistirem em trabalhar, mesmo no lixão, com todos os inconvenientes que este efetivamente oferece, estão demonstrando que legitimam os valores da sociedade a qual pertencem, afinal eles teimosamente tentam integrar esta sociedade pelo trabalho e pelo consumo das mercadorias que eles conseguem acessar.

Dois outros aspectos relevantes quanto à invisibilidade do catador, junto à sociedade, que devem ser considerados referem-se a rejeição, a repulsa ao lixo. A sociedade moderna na mesma medida em que gera as sobras, cria a repulsa aos odores. Portanto, o mau cheiro do ambiente do lixão, tanto quanto de quem lá trabalha, são merecedores de desprezo num espaço urbano desodorizado.

Outro fator de negação ou de não reconhecimento por parte da sociedade ao trabalho dos catadores, está no fato de que estes colaboram para reintroduzir na cadeia de produção algo que já foi produzido. Pela lógica da autodestruição inovadora, entrará em circulação algo que deveria já estar ultrapassado. Os catadores inviabilizam a lógica do mercado, que é criar e destruir, portanto o catador está subvertendo a ordem à medida que com o seu trabalho está reaproveitando o que já foi produzido.

Diante dos dizeres de Marx (1991), “as mais belas e impressionantes construções burguesas e suas obras públicas são descartáveis, capitalizadas para rápida depreciação e planejadas para se tornarem obsoletas”. O trabalho do catador – na contra mão da lógica capitalista de mercado – certamente ainda por muito tempo será merecedor de desprezo e invisibilidade, assim como ele próprio.

## REFERÊNCIAS

- ASSMANN, H. 2001. **Metáforas novas para reencantar a educação**. São Paulo. Editora Unimep, 264 p.
- BERMAN, M. 2000. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo, Ed. Schwart, 360 p.
- CARRETEIRO, T.C. 2001. **A Doença como projeto – uma contribuição à análise de formas de afiliações e desafiliações sociais**. In: *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*, São Paulo, Ed. Vozes, p. 87 a 94.
- CASTEL, R. 1995. **As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário**. 1a ed., Petrópolis, Ed. Vozes, 611 p.
- GUEST, G. *Modernidade*. Disponível em [http://www.wolton.cnrs.fr/glossaire/port\\_modernidade.htm](http://www.wolton.cnrs.fr/glossaire/port_modernidade.htm), acesso em: Ago. 2004.
- JARDIM, N.S (Org.). 2000. **Lixo municipal: manual de gerenciamento integrado**. 2ª ed., São Paulo, IPT/CEMPRE, 370 p.
- MARTINS, J.S. 1997. **Exclusão social e a nova desigualdade**. 2ª ed., São Paulo, Ed., Paulus, 144 p.
- MARX, K. 1991. **O capital**. v. 5. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 578 p.
- MORIN, E. 1969. **Cultura de massa no século XX**. Rio de Janeiro, Alianza, 204 p.
- RAGO, Margareth. 2000. **Do cabaré ao lar**. 2ª ed., São Paulo, Paz e Terra, 209 p.
- SANTOS, B. S. 1995. **A construção multicultural da igualdade e da diferença**. In : VII CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE SOCIOLOGIA, Rio de Janeiro, 1995. *Anais...* Rio de Janeiro.
- SAWAIA, B. (Org.) 1995. **As artimanhas da exclusão: Análise psicossocial e ética da desigualdade social**. 2ª ed., São Paulo, Ed. Vozes, 160 p.
- SENNETT, R. 2003. **Carne e Pedra: O corpo e a cidade na civilização ocidental**. São Paulo, Record, 362 p.

TOURAINÉ A. 2002. **Crítica da modernidade**. 7<sup>a</sup> ed. Petrópolis, Ed. Vozes, 410 p.

ZACARIAS, R. 2000. **Consumo, lixo e educação ambiental: uma abordagem crítica**. Juiz de Fora, Ed. Feme, 88 p.

### **CAPITULO III – CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O catador de lixo de Içara, embora invisibilizado pela sociedade, diante das condições em que atua, mostra que a sociedade moderna e seus valores são contraditórios, pois, o catador ao mesmo tempo em que é fruto dela, por ela é negado. Assim, ele nasce de um acesso desigual à educação e da falta de oportunidade de qualificação profissional. Fato que se comprova nesta pesquisa, onde os catadores, objeto deste estudo, possuem apenas o Ensino Fundamental Incompleto.

Os catadores são uma classe que a sociedade finge que não vê, Isto porque ele “envergonha” de alguma maneira a própria sociedade que o criou. E ainda ele próprio finge que não existe, por também se envergonhar de si mesmo. Afinal, quem quer ser identificado com aquele que trabalha com o resto, com a sujeira? Quem quer ser identificado com uma função desvalorizada pela sociedade?

Sob determinada ótica, em função do estigma da pobreza, da negação de si mesmos e pela culpabilização que a sociedade impõe aos pobres, no sentido de serem eles mesmos os únicos responsáveis por sua condição, poderia se pensar que estes cidadãos estão totalmente resignados. Cabe, no entanto, ressaltar que apesar de todas as dificuldades vividas por este grupo de catadores – tanto em nível material, quanto nas fragilidades subjetivas (problemas relacionados a auto-estima) – é fato que eles resistem, a sua maneira ao processo de exclusão/inclusão, a que estão submetidos. Ao insistirem em trabalhar, mesmo no lixão, com todos os inconvenientes que este efetivamente oferece, estão demonstrando que legitimam os valores da sociedade a qual pertencem, afinal eles teimosamente tentam integrar esta sociedade pelo trabalho e pelo consumo das mercadorias que eles conseguem acessar. Dois outros aspectos relevantes quanto à invisibilidade do catador, junto à sociedade, que devem ser considerados, referem-se a rejeição, a repulsa ao lixo. A sociedade moderna na mesma medida em que gera as sobras, cria a repulsa aos odores. Portanto, o mau cheiro do ambiente do lixão, tanto quanto de quem lá trabalha, são merecedores de desprezo num espaço urbano desodorizado.

Outro fator de negação ou de não reconhecimento por parte da sociedade ao trabalho dos catadores, está no fato de que estes colaboram para reintroduzir na cadeia de produção algo que já foi produzido. Pela lógica da autodestruição inovadora, entrará em circulação algo que deveria já estar ultrapassado. Os

catadores inviabilizam a lógica do mercado, que é criar e destruir, portanto o catador está subvertendo a ordem à medida que com o seu trabalho está reaproveitando o que já foi produzido.

O catador de Içara também é negado à medida em que habita a periferia, próxima ao lixão, longe dos olhares da sociedade e também quando lhe é negado o direito de trabalho formal. São em sua maioria lavradores, havendo ainda empregadas domésticas, serventes de pedreiro, pintor e oleiro. Dos 14 catadores, 12 moram no entorno do lixão.

Os dados obtidos através da pesquisa junto aos catadores evidenciam a lacuna entre o discurso da modernidade (só a sociedade que se estrutura nos valores da liberdade, aqui entendida como direito à propriedade, do encolhimento do Estado e baseada nos princípios da racionalidade econômica, do crescimento sem limites é que pode gerar riquezas e oportunidades para todos) e o que efetivamente ela oferece.

O microcosmo do lixão de Içara, alvo desta pesquisa, contém fortes indícios da paradoxalidade da sociedade moderna no que se refere às conseqüências do consumismo. Ali se teve contato com a contradição da modernidade no sentido da produção/consumo e suas graves conseqüências para o ambiente. Isto é, enquanto de um lado se incentiva a produção cada vez maior de uma quantidade infundável de mercadorias, para a garantia da obtenção do lucro, de outro se esbarra com o risco de escassez dos recursos naturais, bem como se corre o risco de perdas irreparáveis ao solo e a água, em função do acúmulo de toneladas de resíduos sólidos gerados pela sociedade (especialmente nos centros urbanos), que são dispostos de maneira inadequada nos lixões a céu aberto.

O lixão de Içara ainda mostra as conseqüências da sociedade do consumo, uma vez que, lá se visualiza sem dificuldades a demasiada quantidade de lixo produzida pela sociedade. O desperdício é fato notório, pois se constatou em uma das visitas a presença de carne e frango congelado que, aliás, um dos catadores recolheu dizendo que era para oferecer aos cachorros. Também é facilmente detectada a poluição de águas superficiais e do solo pelo apodrecimento dos orgânicos (restos de frutas, verduras, legumes etc).

Se a sociedade é geradora de uma quantidade exacerba de lixo, pode-se então especular que há uso também exagerado de matérias primas e de recursos naturais – fonte de energia – e então se entende com muita clareza, diante de um lixão a céu aberto como o de Içara, o risco de colapso ecológico iminente que se

avizinha. Risco este que talvez venha trazer à reflexão, o descuido e a rejeição que a sociedade “desodorizada” tem com seus rejeitos. É chegada a hora de a sociedade mudar a sua forma de se relacionar com as suas sobras, especialmente quando se opta e endossa a sociedade de consumo.

A destinação dos resíduos sólidos, portanto, é um grave problema a ser enfrentando pela sociedade contemporânea. Segundo nos diz Eigenheer (1993), a incapacidade de resolver a questão do lixo é um sinal de que se está em uma sociedade “doente”, que não consegue enxergar a própria dimensão e entender o seu sentido.

Um questionamento que talvez seja adequado na busca de solução para enfrentar o problema da destinação dos resíduos sólidos na atualidade seja: Para que tanto consumo? Que lógica perversa é esta que permeia a sociedade atual?

Ainda no sentido de explorar as contradições da sociedade moderna, agora quanto ao discurso neoliberal, capitalista que permeia a modernidade, poderia se questionar os valores do individualismo, da existência da propriedade privada e do encolhimento do Estado, bem como do império da razão e da técnica, como formas de garantir o desenvolvimento social. Os catadores alvo desta pesquisa, vêm comprovar que estes valores apregoados pela sociedade moderna, não dão conta de garantir boas condições de vida para todos. Ao contrário, deixa claro que estes valores funcionam para alguns privilegiados, ou mais claramente aos que dispõe de propriedades. Afinal só eles têm vantagens com o individualismo e só eles em certa medida podem abrir mão de direitos do Estado. Diz-se em certa medida, porque a iniciativa privada depende de determinadas ações do governo para poder garantir que seus negócios sejam bem sucedidos.

O que a pesquisa revelou, no lixão de Içara, foi a existência de um grupo de pessoas totalmente desassistidas, a mercê da própria sorte. Estas pessoas revelaram sua fragilidade no que tange ao cuidado com a saúde e a precariedade que sofreram quanto ao direito de freqüentar uma escola e ter uma profissão que lhes garantisse emprego formal.

A exclusão do trabalho formal de que são vítimas, leva-os a informalidade. E a informalidade não lhes garante acesso a certos produtos e serviços que a sociedade moderna dispõe apenas àqueles que tem padrão de vida mais elevado. Cabe pontuar, no entanto, que em alguma instância, o catador partilha da sociedade de consumo e de seus valores, mas, de modo desigual. Pode-se considerá-lo então excluído e simultaneamente incluído.

As circunstâncias discutidas acima, que permeiam a vida do catador, parecem deixar claro que o Estado não pode retirar-se da vida de parcelas significativas da população. Ao contrário, para estas pessoas a existência efetiva do Estado é que lhes poderia garantir direitos como o acesso à escola, à saúde, aos direitos trabalhistas garantidos pela CLT- Consolidação da Leis Trabalhistas.

Um outro aspecto extremamente relevante que carece da intervenção do Estado, no caso dos catadores, é a garantia de condições dignas de trabalho. O catador de Içara, trabalha sem luvas ou máscaras, em meio a cães e outros animais, e não dispõe de coleta seletiva, que seria fundamental para a realização de um trabalho mais eficiente e mais humano. Deste modo, eles precisam abrir todas as sacolas de lixo, despejar o seu conteúdo no solo, para separar o que é aproveitável. Neste momento, eles lidam com papel higiênico, absorventes femininos, seringas, agulhas e etc. Portanto, convivem com o perigo de contaminação e acidentes com perfuro cortantes.

O aumento da pobreza, o aumento da distância entre as classes abastadas e as classes pobres, parece indicar que o Estado ainda é extremamente importante para a sociedade. Não se trata aqui de defender ou não a intervenção do Estado, mas de reconhecer diante do que se verificou neste pequeno grupo pesquisado (que pode estar refletindo problemas que ocorrem com os pobres de todo o país), que ações do poder público são necessárias para garantir um mínimo de dignidade aos que estão na periferia da sociedade.

Isto porque a iniciativa privada não tem dado conta de estender seus benefícios (trabalho e renda) a maioria da população. O que os valores neoliberais, que estruturam o capitalismo que em última instância integram a sociedade moderna tem comprovado, é que tais valores apesar de fazerem parte da sociedade de modo geral, beneficiam uma pequena parcela da população que, deste modo tem a possibilidade de acumular riqueza. Desse modo, o número de pessoas que não conseguem pelas várias razões já pontuadas, obter trabalho e renda dignos, segundo Nascimento (apud Bursztyn 2000), tem crescido muito no Brasil. Para ele, o Brasil progrediu dos excluídos necessários aos excluídos desnecessários, forjando personagens que são incômodos politicamente, ameaçantes socialmente e desnecessários economicamente.

Os incômodos políticos gerados pelas massas “sobrantes” da população, aumentam o desconforto dos políticos que não conseguem atender os interesses das populações (trabalho, renda, moradias etc). Estas pessoas são uma ameaça a



sociedade, na medida em que, podem enveredar por caminhos como a violência o tráfico de modo geral, fatores que atingem também os mais abastados economicamente. Estes indivíduos são desnecessários economicamente, já que a produção de bens de consumo, conta com o apoio de altas tecnologias, não sendo a mão-de-obra do trabalhador tão necessária hoje, quanto no período do industrialismo propriamente dito.

A moradia é um outro drama para os catadores e que comprovam a sua condição de pobreza. A cerca de 300 metros do lixão, localizam-se as primeiras casas dos catadores. Elas são bastante modestas e pela proximidade com o lixão sugerem a má qualidade de vida destes cidadãos. Por morar próximo ao lixão convivem diretamente com os muitos prejuízos que este fato implica (mau cheiro, moscas, baratas, urubus e um visual que desagrade ao sentido da visão humana). E ainda os catadores não têm rede de esgoto, coleta de lixo. Mas não se pode negar a eficiência da sociedade moderna diante de todos os paradoxos aqui considerados. Pois veja, não se pode dizer que o catador não esteja incluído na sociedade. Eles estão integrados seja pelo trabalho (miserável para a maioria de nós é verdade), legitimando a sociedade que lhes renega à periferia, seja pela renda mínima que este trabalho lhes garante, permitindo-lhes assim ser consumidor em alguma instância.

Quanto a determinados valores vigentes na sociedade moderna, como o individualismo extremado, tem-se um exemplo junto aos catadores. Eles têm um grupo fechado de 16 catadores. Existe um catador que cuida, impedindo que novos catadores (pessoas pobres como eles) possam também garantir renda mínima trabalhando ali naquele local.

A renda dos catadores do lixão a céu aberto de Içara – SC, está entre 1 e 2 salários mínimos e equivale a renda de um catador da cidade de São Paulo, segundo dados do professor Calderoni (1997).

Mas a ínfima renda adquirida mensalmente pelos catadores, é muito inferior aos benefícios que a sociedade em geral obtém com seu trabalho. O catador colabora para a limpeza dos centros urbanos, contribui para a economia de recursos naturais (já muito esgotados), reduz a quantidade de lixo que é depositada no lixão. E ainda o catador, mesmo com todo o estigma que o cerca, é um cidadão que não está pelas ruas à mercê da marginalidade - ele optou pelo valor trabalho.

Não é novidade que toda essa paradoxalidade faz parte da sociedade moderna e é intrínseca a sua dinâmica. A produção de populações marginais é

necessária em certa medida, para garantir mão-de-obra, geração de lucro que propicie a concentração da renda em poucas mãos. Talvez a modernidade esteja prestes a entrar no limite da tolerância das populações que integram a periferia social, em relação a uma sociedade tão injusta, com disparidades tão discrepantes entre uma minoria agora tratada mundialmente como bilionária e uma grande maioria de pobres.

O estudo realizado sobre o grupo de catadores de Içara-SC, evidenciou sobretudo a sua fragilidade. Ele não tem o reconhecimento da sociedade civil e nem das autoridades locais, ambas por não reconhecerem a importância de seu trabalho. Esta situação a nosso ver deveria ser revertida, já que não se poderia conceber trabalhadores realizando o seu ofício em condições tão ruins, ganhando tão pouco e sem direito a exercer sua cidadania.

A sociedade atual e seus paradigmas, diante das contradições aqui abordadas, parecem estar carecendo de serem reavaliadas, pois, a dinâmica da modernidade, que para alguns parece eficiente e única forma de organização econômica social e política possível, tem mostrado que para um grande contingente populacional é ineficiente e paradoxal – provoca desigualdade social absurda, inclusão/exclusão e crise ecológica – que ameaçam o futuro da humanidade.

## CAPÍTULO IV - REFERÊNCIAS

Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) Qualificação (NBR 10.004RJ, Brasil, 2004) – Disponível em [www.suape.pe.gov.br](http://www.suape.pe.gov.br) - Consultado em 22 Fevereiro de 2005.

ABRE : Associação Brasileira de Embalagens - [www.cempre.org.br/](http://www.cempre.org.br/) - Consultado em: Agosto de 2004.

ANTELO, R. (Org.) **A alma encantadora das ruas crônicas**. Companhia das letras. São Paulo, 1997. p. 8

BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Schwartz, 2000.

BURSZTYN, Marcel. **No meio da Rua: nômades, excluídos e viradores** (org). Rio de Janeiro: Ed. Garamond, 2000.

CALDERONI, Sabetai. **Os bilhões perdidos no lixo**. São Paulo: humanistas, 1997.

CEMPRE – Centro Empresarial Para a Reciclagem. **Reciclagem de Resíduos**. Disponível em [www.cempre.org.br/](http://www.cempre.org.br/) Acesso em Novembro 2004.

CIASC- Centro de Informática e Automação do Estado de Santa Catarina. Disponível em [www.mapainterativo.ciasc.gov.br/](http://www.mapainterativo.ciasc.gov.br/). Acesso em Maio, 2005.

D'ALMEIDA O. Maria Luiza (org). **Lixo Municipal: Manual de Gerenciamento Integrado do Lixo**. IPT/CEMPRE, São Paulo 2000.

DAGOSTIN, D. **Altamiro. Içara: das Palmeiras aos Frutos-ENSAIO HISTÓRICO**, 1981. p. 90.

DUPAS, G. **Economia global e exclusão social: pobreza, emprego, estado e o futuro do capitalismo**. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

EIGENHEER, E. M. (org). **Lixo e desperdício**. Rio de Janeiro: ISER, 1993.

FERNANDES, E.M. **Içara nossa terra nossa gente**. Içara, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 31<sup>o</sup> ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIDDENS, Antony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo:UNESP,1991.

GONÇALVES, P. Os catadores de Resíduos Sólidos no Brasil. Disponível em [www.lixo.com.br](http://www.lixo.com.br). Acesso em Março 2004.

HAMADA, J. **Estimativas de geração e caracterização do chorume em aterros sanitários**. Tema III-055. Anais do congresso em CD Room do 19<sup>o</sup> Congresso Brasileiro de Engenharia Sanitária e Ambiental. 1999

IANNI, Octavio. **Enigmas da modernidade-mundo**. Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 2000.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil**. Disponível em [www. ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br). Acesso em 30/11/2004.

Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT). **Manual de gerenciamento integrado (do lixo)**. 2.ed.São Paulo: IPT,2000.

JARDIM, N.S. et al. **Lixo municipal: manual de gerenciamento integrado – IPT/CEMPRE**. São Paulo:, 1995.

KUPSTAS, Márcia. (org) **Ecologia em debate**. São Paulo:Moderna, 1997,128p.

LEFF, E. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade e poder**. Ed. Vozes, Petrópolis, RJ, 2001.

LEFF, E. **Epistemologia ambiental**. São Paulo: Cortez, 2001.

LEGASPE, R. Luciano. **Reciclagem: a fantasia do ecocapitalismo – Um estudo sobre a reciclagem promovida no cntro da cidade de São Paulo observando a**

economia informal e os catadores. 1996. Dissertação (mestrado em Geografia) faculdade de Geografia. Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 1996.

MAGERA, Marcio Conceição. **Os empresários do lixo: um paradoxo da modernidade:** análise interdisciplinar das Cooperativas de reciclagem de lixo. Campinas –SP: Ed. Átomo, 2003.

MARX, K. **O capital.** v. 5. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

MARX, Karl. **O capital:** crítica da economia política. ed.15<sup>a</sup>. Ed. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 1996.

MELO, L. C. Desemprego. Disponível em [www.renascebrasil.com.br](http://www.renascebrasil.com.br). Acesso em Março de 2005.

NOVAES, Washington. **A década do impasse:** da Rio 92 à Rio + 10. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2002.

PROLIXO – Eliminação de resíduos industriais. Disponível em [www.netresiduos.com](http://www.netresiduos.com) Acesso em 25/03/05

RIFKIN, Jeremy. **O fim dos empregos:** declínio inevitável dos níveis dos empregos e a redução da força global de trabalho. São Paulo. Makron Books, 1995.348p.

ROCHA, F. Solange. **Caminhos e descaminhos.**Revista **Ágora**, Rio Grande do Norte, n.1

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SENNETT, R. **Carne e Pedra: O corpo e a cidade na civilização ocidental.** São Paulo: Record, 2003. MORIN, E. Cultura de massa no século XX. Rio de Janeiro: Alianza, 1969.

TEIXEIRA, Ana Maria Manaus; STOLK, Fabiana Dagostin; ZANELATTO, João Henrique, MIRANDA, Antônio Luiz: **Transformações sócio-econômicas no município de Içara** – (1910 – 1970). Criciúma, SC: UNESC, 2003. 50f. Programa de Iniciação Científica –Departamento de História

TOURAINÉ A. **Crítica da modernidade**. 7. ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 2002.

ZANETTI, Isabel. **A problemática do Lixo**. Disponível em [www.comciencia.br/200412/noticias/2005.lixo.htm](http://www.comciencia.br/200412/noticias/2005.lixo.htm). Acesso em Agosto de 2004.

## APÊNDICES

### APÊNDICE I - QUESTIONÁRIO SÓCIO-AMBIENTAL ELABORADO PARA AS ENTREVISTAS JUNTO AOS CATADORES DO LIXÃO DE IÇARA

1. Sexo:

Masculino

Feminino

2. Estado Civil

Casado

Solteiro

Separado

3. Idade

0 a 15

16 a 30

31 a 40

41 a 50

51 a 60

Mais de 60

4. Grau de instrução

Analfabeto

Ensino fundamental incompleto

Ensino fundamental completo

Ensino médio incompleto

Ensino médio completo

5. Renda mensal

1 a 2 salários mínimos

2,1 a 3 Salários mínimos

3,1 a 4 salários mínimos

Mais de 4,1 salários mínimos

6. Número de filhos que freqüentam a escola

1 a 2 filhos

3 a 5 filhos

Mais de 5 filhos

7. Quantas pessoas vivem na sua residência?
- 1 a 4 pessoas  
 5 a 8 pessoas  
 Mais de 8 pessoas
8. Quanto tempo é gasto no trajeto para o trabalho?
- Até 15 minutos                       Acima de 40 minutos  
 16 a 30 minutos
9. Tem coleta de lixo na sua residência?
- Sim                                       Não
10. Tem esgoto na sua residência?
- Sim                                       Não
11. Possui energia elétrica na sua residência?
- Sim                                       Não
12. Que profissão exercia antes de ser catador?
13. Por que trabalha como catador ?
14. Há quanto tempo é catador?
15. Que dificuldade encontra para realizar seu trabalho?
16. Para quem vende o material reciclável?
17. Para quem vende o material reciclável?
18. Você tem casa própria?
19. Quais os materiais que você coleta?
20. Quanto de material reciclável você coleta por dia?



21. Quais riscos, no que se refere à saúde, você enfrenta para realizar a coleta de recicláveis, no lixão de Içara?

22. Você já sofreu algum acidente (cortes, alergias, etc) durante a jornada de trabalho?

Sim

Não

23- Que tipo de acidente?

24- Você possui algum problema de saúde? Qual?

Sim

Não

25- Quanto você recebe por cada tipo de material coletado? (preço por kg)

26. Você sabe o que é uma cooperativa de catadores?

Sim

Não

27. Você gostaria de saber o que é, e como funciona uma cooperativa de catadores?

Sim

Não

28. Você tem casa própria?

Sim

Não

29. Onde é sua residência? Qual o bairro?

30- Por quanto você vende cada tipo de reciclável coletado?

31- Você acha perigoso trabalhar na catação?

This document was created with Win2PDF available at <http://www.daneprairie.com>.  
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.